

COLEÇÃO APLAUSO PERFIL

NÍVEA MARIA

UMA ATRIZ REAL

MAURO ALENCAR

ELIANA PACE

imprensa oficial

Nívea Maria

Uma Atriz Real

Nívea Maria

Uma Atriz Real

Mauro Alencar
Eliana Pace

imprensa**o**ficial

São Paulo, 2008



Governador José Serra

Imprensa Oficial Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Diretor-presidente Hubert Alquéres

Coleção Aplauso

Coordenador Geral Rubens Ewald Filho

Apresentação

Segundo o catalão Gaudí, *não se deve erguer monumentos aos artistas porque eles já o fizeram com suas obras*. De fato, muitos artistas são imortalizados e reverenciados diariamente por meio de suas obras eternas.

Mas como reconhecer o trabalho de artistas geniais de outrora, que para exercer seu ofício muniram-se simplesmente de suas próprias emoções, de seu próprio corpo? Como manter vivo o nome daqueles que se dedicaram à mais volátil das artes, escrevendo, dirigindo e interpretando obras-primas, que têm a efêmera duração de um ato?

Mesmo artistas da TV pós-videoteipe seguem esquecidos, quando os registros de seu trabalho ou se perderam ou são muitas vezes inacessíveis ao grande público.

A *Coleção Aplauso*, de iniciativa da Imprensa Oficial, pretende resgatar um pouco da memória de figuras do Teatro, TV e Cinema que tiveram participação na história recente do País, tanto dentro quanto fora de cena.

Ao contar suas histórias pessoais, esses artistas dão-nos a conhecer o meio em que vivia toda

uma classe que representa a consciência crítica da sociedade. Suas histórias tratam do contexto social no qual estavam inseridos e seu inevitável reflexo na arte. Falam do seu engajamento político em épocas adversas à livre expressão e as conseqüências disso em suas próprias vidas e no destino da nação.

Paralelamente, as histórias de seus familiares se entrelaçam, quase que invariavelmente, à saga dos milhares de imigrantes do começo do século passado no Brasil, vindos das mais variadas origens. Enfim, o mosaico formado pelos depoimentos compõe um quadro que reflete a identidade e a imagem nacional, bem como o processo político e cultural pelo qual passou o país nas últimas décadas.

Ao perpetuar a voz daqueles que já foram a própria voz da sociedade, a *Coleção Aplauso* cumpre um dever de gratidão a esses grandes símbolos da cultura nacional. Publicar suas histórias e personagens, trazendo-os de volta à cena, também cumpre função social, pois garante a preservação de parte de uma memória artística genuinamente brasileira, e constitui mais que justa homenagem àqueles que merecem ser aplaudidos de pé.

José Serra

Governador do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso

O que lembro, tenho.
Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa a resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileira vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se reconstitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira, no tempo e espaço da narrativa de cada biografado.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos extrapolam os simples relatos biográficos, explorando – quando o artista permite – seu universo íntimo e psicológico, revelando sua autodeterminação e quase nunca a casualidade por ter se tornado artista – como se carregasse desde sempre, seus princípios, sua vocação, a complexidade dos personagens que abrigou ao longo de sua carreira.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente a nossos estudantes, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Desenvolveram-se temas como a construção dos personagens interpretados, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns dos personagens vividos pelos biografados. Foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Gostaria de ressaltar o projeto gráfico da *Coleção* e a opção por seu formato de bolso, a facilidade para ler esses livros em qualquer parte, a clareza de suas fontes, a iconografia farta e o registro cronológico de cada biografado.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –, é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que nesse universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

Hubert Alquéres

Diretor-presidente da
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Introdução

O que mais chama a atenção em Nívea Maria é seu extremo profissionalismo. Logo depois, e na mesma medida, sua lucidez.

Nosso primeiro encontro aconteceu no Rio de Janeiro, em uma sala reservada do Hotel Meliá Confort, no dia 20 de maio de 2005. Marcamos às 11 horas e ela lá estava, pontualmente, para uma conversa de alma aberta que se estendeu até as 16 horas, regada a um único café e um copo de água. Nívea, que por mais de 40 anos fumou quase dois maços de cigarros por dia, largou o vício de uma hora para outra, numa de suas fases de mudança, e não sente mais falta do que considerava seu ponto de apoio emocional.

11

No dia seguinte, um sábado, ela foi ao nosso encontro em um apartamento no Leblon para mais três horas de entrevista. Chegou com um álbum de fotografias de sua infância embaixo do braço, trocou confidências com Regina Ribas, a dona da casa, conversou amavelmente com o filho e os amigos da anfitriã que se preparavam para um carreado no final da tarde e abriu-se como em uma verdadeira sessão de psicanálise.

Nesses dois encontros, Nívea Maria, ao contrário do que se conhece de sua discricção no trato da

vida pessoal, deixou a famosa reserva de lado e expôs sua carreira, seus casamentos, o relacionamento com os três filhos, sua maturidade e a busca pela felicidade. Fez questão de frisar que ao contar sua história, da qual se orgulha, mostra sua própria coerência, feita de mudanças de posturas e opiniões. Para ela, o convite a esta biografia representa mais do que disponibilidade de tempo, uma disponibilidade de vida.

12

Assim é Nívea Maria. Uma atriz real, concreta, equilibrando-se com maestria entre personagens que representam a realeza e a simplicidade da vida. Uma atriz que sabe representar com a mesma densidade o ontem e o hoje, o feijão e o sonho... numa alusão a uma de suas mais importantes novelas. Mulher e atriz lúcidas na trajetória pessoal e profissional, tanto na realidade quanto na ficção.

Esperamos que seus incontáveis admiradores fiquem tão encantados com ela quanto nós que assinamos este trabalho.

Mauro Alencar

Eliana Pace

Nívea Maria: Talento em Todas as Épocas

O sucesso da personagem Maria – que rendeu à Nívea Maria o prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte, em 2003 –, a severa e até cruel irmã de Bento Gonçalves (Werner Schünemann) na minissérie *A Casa das Sete Mulheres*, mostrou para o público o talento de uma atriz que, em muito, contribuiu para o desenvolvimento da telenovela brasileira. A estréia de Nívea na telenovela diária aconteceu em 1964, na extinta TV Excelsior, com *A Moça Que Veio de Longe*, o primeiro grande sucesso da telenovela brasileira. Com elenco liderado por Rosamaria Murtinho e Hélio Souto, a trama – original argentino de Abel Santa Cruz –, foi adaptada no Brasil por Ivani Ribeiro. Em seguida, Nívea participou de mais uma novela de Ivani: *A Outra Face de Anita*. Seguiram-se: *Melodia Fatal*, dividindo a protagonização da trama com Cyll Farney, um dos galãs da Atlântida; *A Indomável* (no mesmo papel que Leandra Leal viria a fazer no *remake* *O Cravo e a Rosa*, em 2000) e *O Preço de uma Vida*, original cubano de Félix Caignet adaptado por Thalma de Oliveira. Sérgio Cardoso interpretava o desfigurado Dr. Valcourt, o único homem capaz de salvar a doce Thula, primeiro papel de sucesso popular de Nívea Maria. Depois de participar da histórica *Sangue do Meu Sangue*, de Vicente

Sesso, ainda na Excelsior, em 1969, a atriz segue para a Rede Globo, que iniciava o processo de industrialização e conseqüente modernização da telenovela brasileira.

Em 1971, ela está em *O Primeiro Amor*, de Walter Negrão, a primeira trama juvenil da TV. No papel da meiga Helena conquistou mais fãs. Em *Uma Rosa com Amor*, comédia romântica de Vicente Sesso, a atriz vive o papel de Terezinha, a irmã da também sonhadora Serafina (Marília Pêra). Ainda na linha de personagens românticos e ingênuos, a Soninha de *O Semideus*, de Janete Clair, em 1973, achava que o namorado (Francisco Cuoco), que lhe havia feito juras de amor na adolescência, um dia voltaria para pedi-la em casamento. Depois, no papel de Vânia, é a filha de uma das herdeiras – Gilda (Célia Biar) – na *Corrida do Ouro*, de Lauro César Muniz e Gilberto Braga. Atriz e personagem se popularizaram em torno da música *Feelings*, grande sucesso cantado por Morris Albert. Em 1975, a atriz conquista o papel de Jerusa – um dos principais momentos de sua carreira – em *Gabriela*, o estrondoso sucesso do romance de Jorge Amado adaptado por Walter George Durst, que comemorou os dez anos da Globo. Os últimos diálogos do Coronel Ramiro Bastos (Paulo Gracindo) com a neta, sobre tradição familiar e liberdade de sentimentos foram

antológicos. Jerusa desafia os costumes, rompendo com as barreiras impostas por sua família, para cair nos braços de seu amado Mundinho Falcão (José Wilker), unidos pela música *Coração Ateu*, na voz de Maria Bethânia. Ainda, no mesmo ano, a Globo desenvolvia o horário das seis com novelas adaptadas da literatura brasileira. Nívea é convidada para o papel principal de *A Moreninha*, romance de Joaquim Manuel de Macedo, adaptado por Marcos Rey. E o amor de Carolina por Augusto (Mário Cardoso) na Ilha de Paquetá ficou histórico também na telinha. A partir daí, Nívea Maria tornou-se o que podemos chamar de *Rainha das Novelas das Seis*, ajudando a impulsionar a literatura brasileira.

15

O tom realista com o qual imprimiu as características de Maria Rosa, esposa dedicada, mas também antagonista do sonhador poeta Campos Lara (Cláudio Cavalcanti) em *O Feijão e o Sonho*, adaptação de Benedito Ruy Barbosa do romance de Orígenes Lessa, em 1976, foi um dos trabalhos mais bem elaborados de Nívea Maria. Depois, veio outro sucesso. A interesseira Rosália, que em nada apoiava a simplicidade de sua mãe, a feirante Xepa (Yara Cortes), em *Dona Xepa*, de Gilberto Braga, com base no texto teatral de Pedro Bloch. Um de seus maiores momentos foi em 1978, ao viver um papel duplo em

Maria, Maria, de Manoel Carlos (baseando-se no romance *Maria Dusá*, de Lindolfo Rocha). Nívea – ao lado de Cláudio Cavalcanti (o tropeiro Ricardo Valeriano) – dominou a cena com a simplória Mariazinha e a enriquecida Dusá no garimpo baiano de Xique-Xique, na Chapada Diamantina. Era a primeira vez que uma atriz representava duplo papel em novela da Globo. E, embalados pela música *Romaria*, com Renato Teixeira, o casal criou cenas inesquecíveis para a história da telenovela brasileira. A qualidade de tais adaptações unidas a grandes interpretações impulsionou a venda dos livros que serviam de base para as novelas das seis.

16

Em 1980, na sofisticada produção *Olhai os Lírios do Campo* (de Érico Veríssimo, adaptado por Geraldo Vietri e Wilson Rocha), representou a altruísta Doutora Olívia em contraste com Eugênio (Cláudio Marzo), seu namorado e médico com objetivos bem mais capitalistas. No mesmo ano integra o elenco de *Coração Alado*, de Janete Clair, no papel de Roberta, uma jovem de classe alta envolvida com o foragido Gabriel (Carlos Vereza). No ano seguinte, mais um papel inspirado em Jorge Amado. É a rude Donana, de *Terras do Sem Fim*, adaptação de Walter George Durst. Um dos destaques da cultuada minissérie *Anos Dourados*, de Gilberto Braga, em 1986, foi a personagem Bea-

triz, ligadíssima nas convenções sociais e ao pai, o Brigadeiro Campos (José Lewgoy). Depois de uma rápida passagem pela extinta Rede Manchete no papel de Vanessa, que viveu nos Estados Unidos como garota de programa, em *Mania de Querer*, de Sylvan Paezzo, Nívea retornou à Globo com a personagem Zilda, a Alfa 3, amante de Herbert Alvaray (Raul Cortez), de *Brega & Chique*, dividindo a cena com Marília Pêra e Glória Menezes em mais uma deliciosa comédia de costumes de Cassiano Gabus Mendes, em 1987. Depois, foi a italiana Gema, moradora de um cortiço em *Vida Nova*, de Benedito Ruy Barbosa, em fins da II Guerra Mundial. Encarnou a portuguesa Ximena, primeira-dama de Resplendor, em *Pedra Sobre Pedra*, de Aguinaldo Silva, Ana Maria Moretzsohn e Ricardo Linhares, em 1992. Ao lado de Malu Mader destacou-se no seriado *A Justiceira* no papel da ex-guerrilheira Augusta, comandante de uma organização internacional. Além de vasta participação em outros gêneros da teledramaturgia (como os famosos Especiais), atuou também nas minisséries *Padre Cícero* e *República* e nas novelas *Livre para Voar*, *Gente Fina*, *Meu Bem*, *Meu Mal*, *Sonho Meu*, *Tropicaliente*, *Explode Coração*, *Sua-ve Veneno*, *Vila Madalena* e nas moderníssimas tramas *Celebridade*, de Gilberto Braga, *O Clone* e *América*, ambas de Glória Perez.

Em 2006, retorna às novelas de época ao participar da nova versão de *O Profeta*. Nesse clássico de nossa telenovela, Nívea interpretou a ambiciosa cabeleireira Lia. Um ano depois, reencontrou-se com Walter Negrão e Marcos Paulo (agora como diretor) em *Desejo Proibido*. A mineira Magnólia, ao lado do marido e prefeito Viriato Palhares (Lima Duarte) foi um toque de humor muito especial na poética trama ambientada na década de 30.

Nívea Maria – uma atriz real que vem desempenhando com grande talento personagens do século 19 ao 21.

O Fã Número Zero

Conheci Nívea Maria exatamente como vocês: por meio do vídeo. E como todo fã, me arvorei a dizer que sou o número um, ou o número zero. Foi em 1964, num capítulo quase final de *A Moça Que Veio de Longe*, a histórica telenovela da TV Excelsior, já em videoteipe, que transformou o gênero nessa paixão nacional que já dura quatro décadas, graças a Edson Leite, então diretor artístico da emissora, e à grande novelista Ivani Ribeiro, que transformava os originais argentinos e cubanos, passando-os para o jeitinho brasileiro. No caso, Nívea interpretava uma Maria que estava no mesmo trem que o personagem de Sílvio Francisco, entregador de pão e leite na mansão do Doutor Raul (Hélio Souto, o galã), onde Maria Aparecida (Rosamaria Murtinho, a mocinha) era a empregada doméstica. O personagem de Sílvio Francisco era apaixonado por Maria Aparecida, mas como ela o desestimulou dizendo que amava o patrão e nunca poderia amá-lo, ele resolve viajar. Nessa viagem conhece outra Maria, a Nívea, que assim estreava na Excelsior e na minha vida.

Olhei para aqueles olhos doces e meigos e vi além do personagem. Tive certeza que amaria aquela atriz para sempre. Assim foi. Havia algo mais entre nós do que pode explicar a vã filosofia dos homens da terra.

Ela fez mais três novelas na Excelsior: *A Outra Face de Anita*, *Melodia Fatal* e *A Indomável*, a primeira e terceira, também, de Ivani Ribeiro. E quando a revista *Intervalo*, a mais famosa da época sobre o meio artístico, anunciou que ela estava se transferindo para a TV Tupi, eu, fã da Excelsior, chorei. Na lógica dos meus 11 anos de idade, ela tinha que estar onde eu a conheci e gostava de vê-la. Mesmo assim, de segunda à sexta, às 9 e meia da noite, consegui mudar de canal para vê-la como a doce Thula do Dr. Valcourt (Sérgio Cardoso), em *O Preço de uma Vida*, original cubano de Félix Caignet, adaptado por Thalma de Oliveira. E ela brilhou mais uma vez.

Quando soube pelo meu irmão mais velho, Reinaldo, que ela era vizinha da namorada dele, hoje minha cunhada Sílvia, no bairro do Planalto Paulista, ali, bem perto da minha casa no Jabaquara, me senti tão pertinho dela. E quando soube que ela ficava namorando o Renato Master, um dos jovens galãs da Excelsior, no portão, ao lado de meu irmão e Silvinha, me senti quase familiar. Dá pra entender?

Um dia, na revista *Intervalo*, a notícia do casamento. Que alegria! Mas muito pouco tempo depois, outra notícia bombástica: a da separação. Chorei, era fã de Renato Master também.

Mas apesar do diz-que-diz-que das revistas, o olhar doce e transparente de Nívea me dizia que ela era uma moça de classe média, como eu, de boa formação familiar, mas buscava a felicidade além das aparências. Como eu a compreendia!

Eu a compreendi no seu casamento com Edson França, ex de Bibi Ferreira, também meu ídolo; depois, com Herval Rossano; nas duas separações e, principalmente, no seu amadurecimento como atriz. Que atriz, quantas emoções nos proporcionou na Globo, na Manchete e de volta à Globo. Confesso que especialmente em *Vida Nova*, de Benedito Ruy Barbosa, em *Mania de Querer*, de Sylvan Paezzo, na extinta Rede Manchete, e em *A Casa das Sete Mulheres*, de Maria Adelaide Amaral e Walter Negrão, ela me emocionou mais do que nos outros trabalhos.

21

Nívea é dessas atrizes que somem da mídia quando não estão no ar. Quando volta, já é o seu novo personagem e nos envolvemos com ele totalmente. Personagens bons ou maus, a verdade é que Nívea Maria entrou na nossa vida, nos conquistou e se mantém com sua seriedade e profissionalismo há quase 45 anos nos dando prazer. Um imenso prazer!

Nunca me casei, mas minha relação com Nívea permaneceu intacta, mesmo eu me tornando

um crítico e colunista de televisão. O elo de Nívea com a imprensa e com o público nunca se rompeu. Por que seria? Reciprocidade. Respeito mútuo profundo. Amor verdadeiro.

Leão Lobo

Jornalista e crítico de televisão

Capítulo I

No Avô, o Primeiro Diretor

Nasci em São Paulo, Capital, no bairro das Perdizes, no dia 07 de março de 1947, família de classe média alta. Pai profissional liberal, advogado, um homem muito lúcido que advoga até hoje, com mais de 80 anos. Chama-se Carlos Graieb e mora em Rio Claro. Mãe dona de casa – Maria de Lourdes Cândido Graieb, já faleceu, era uma pessoa muito sensível e tímida, envergonhada, inibida. Gostava de música, tinha estudado piano quando jovem no Conservatório Musical, não conseguiu se formar porque casou, o marido não a deixava trabalhar, tocar ou se expor. Digamos que minha mãe era daquela geração que tentou se realizar por intermédio das filhas – Glauce é mais nova um ano e meio do que eu. Não conseguiu que nenhuma se interessasse por música, mas percebeu o meu interesse por balé, a minha paciência e disponibilidade para ser fotografada. Era aquela fã que achava ótimo tudo o que eu fazia.

Meu avô por parte de mãe, Antônio da Silva Cândido, português, trabalhava numa usina de açúcar em Pirajuí, interior de São Paulo, e passávamos as férias lá. Tinha uma sensibilidade

muito grande – foi quem me deu pra ler meu primeiro livro, *O Pequeno Príncipe*. Ele tinha uma máquina fotográfica e, de todas as netas, eu era a única que estava sempre disponível e tinha paciência para ficar horas sendo fotografada por ele. Eu devia ter uns dois anos e não eram fotografias posadas, eram sempre fotografias em ação, eu fazendo a unha, eu olhando o céu, tenho até hoje um álbum que mostra essas fotos, eu bem pequenininha. Arrepio-me quando vejo. Digo: *Gente, eu já interpretava*. Acho que minha mãe percebeu essa sensibilidade minha, essa paciência, essa disponibilidade. Repito até hoje que a disponibilidade, a paciência, o prazer são grandes qualidades para a gente se manter nessa profissão.

Essas fotografias que vovô tirava já mostravam que eu tinha o tal toque de exibicionismo que o ator tem. Como todo ser humano, a gente tem um lado tímido que se exhibe um pouco por meio do trabalho que faz. Com a fotografia eu me exibia, me mostrava. Meu avô produzia o cenário, a minha figura, me arrumava, me colocava no lugarzinho, me orientava. Eu não tinha inibição de fazer a pose que ele pedia, já me permitia ser dirigida. Então, meu avô foi meu primeiro diretor, digamos assim, e ali estavam minhas primeiras interpretações, não atuações.



Nívea com 1 ano



Nívea aos 13 meses, em montagens fotográficas



Nívea aos 18 meses

Se a gente for reparar, em quase todas as vezes que tive minha imagem fixada eu estava com um sorriso. E não é nem o fato de namorar a câmera, mas sim de passar uma aparência agradável, um brilho no olho. Então, desde bebê eu notei que era meu avô, como fotógrafo, que me incentivava e me dirigia dizendo que eu estava linda.

Depois, moramos na Rua Macapá, no Pacaembu, uma rua pequena em que se conhecia os vizinhos. Havia um médico anestesista, o doutor Caputto, um homem muito sensível, pai da Maria Lúcia que era minha amiga. Lembro que a gente caminhava até o alto, descia e ia até a casa do poeta Guilherme de Almeida, que já era um mito na época. Acho que eu tinha 4 ou 5 anos. Minha infância foi aquele tipo de retrato da infância lúdica dos anos 50. Aquela menina que brincava no quintal de casa, que tinha seu balanço, seu cachorro, que ainda se assustava com o homem do saco que passava recolhendo jornal e revista e carregava criança. Ou, então, era a minha fantasia que funcionava. Com 13 anos, saímos do Pacaembu e fomos morar no Planalto Paulista.

Meu primeiro contato com a arte de representar foi por meio da minha professora de balé clássico, a Lícia Decleva, no Colégio Dante Alighieri, onde eu estudava – nunca fui uma aluna excepcional, era uma aluna média. O sobrinho dela,



Aos 4 meses com a avó











Na praia, com os pais e a irmã Glauce

Lívio Rangan, dirigia uma produtora de filmes que trabalhava com a Rodhia na época. Foi ele quem me dirigiu em meu primeiro trabalho como atriz em teatro amador, uma peça infantil chamada *Lírio*. O espetáculo foi considerado o melhor infanto-juvenil naquele ano, ganhei um prêmio. Eu fazia o príncipe da peça. Foi aí que descobri também a figura e a importância da personagem. Naquela época, já se dizia que as atrizes louras eram mais frágeis, então, as morenas é que faziam os papéis masculinos. Eu tinha 8, 9 anos, amava dançar, mas logo descobri que não tinha técnica nem resistência, então, interpretava. Tanto que quando fui fazer balé clássico na Escola Municipal de São Paulo – o Josey Leão era diretor, havia grandes profissionais lá – eles me colocavam sempre em coreografias, em balés que exigiam mais expressão corporal do que técnica, digamos assim. Não eram as 25 piruetas, não, eu entrava com a expressão corporal.

35

Eu era uma menina tímida, bonitinha, de trançinha, que não era exuberante, não falava alto, olhava por baixo. Meu avô Cândido e minha avó Conceição diziam a palavra certa na hora certa. Quando vinham assistir às minhas apresentações de balé, meu avô dizia: *Você faz isso muito bem*. Lembro de ele me dizer assim: *Se você gosta, faça; se você gosta, continue. Não ouça críticas*. Minha

avó era mais fechadinha, mas era uma figura. Vocês a conheceram quando fiz a novela *Pedra sobre Pedra*, aquele meu personagem muito engraçado, a portuguesa Ximena, era minha avó.

36

Numa ocasião, minha mãe me deu uma poesia dizendo: *Tenta interpretar isto*. Não lembro de quem era, a Márcia Real foi a única pessoa que ouviu falar nessa poesia, ela recitou num *Almoço com as Estrelas* do Ayrton Rodrigues. Mamãe me ajudou a trabalhar com as mãos, foi quando eu uni, digamos, a parte da expressão corporal do balé, que eu fazia, à interpretação das coreografias, ao texto. Lembro dela passando a ferro na cozinha e vendo se eu tinha decorado o poema, muito lindo, era uma novela que começava assim: *Foi no tempo da guerra entre a Rússia potente e os heróicos nipões, calmos filhos do Oriente... Em torno ao Porto Arturo o cerco se apertava como cinto de ferro e fogo que fechava as portas da cidade*. Era a história de um soldado alemão e um soldado japonês na guerra da Alemanha, dois inimigos que se encontravam no campo de batalha. Um pedia pro outro: *Olha, eu tenho uma filha...* Percebi ali que eu gostava de interpretar textos, não necessariamente declamar, ir num palco. Interpretar textos, viajar naquilo que eu lia, fantasiar, que acho que é a grande coisa da leitura, que faz bem a qualquer ser humano.



Na praia, com o pai e a irmã Glauce











Com a irmã, Glauce Graieb, na Primeira Comunhão

Só fui dar problema pra família nos meus 16 anos, quando decidi que queria parar de estudar para ser atriz. Estava no 1º ano Clássico, começava a fazer televisão e meu pai, que era aquele pai provedor, um pouco ausente, digamos assim, na educação das filhas, ficou bravo pra valer, exigiu que eu terminasse meus estudos. Ele não era muito liberal não, tinha uma falsa moral ali, um medo. É uma figura muito engraçada, hoje eu digo a ele: *Você era safadinho. Você podia fazer. Era faça o que eu digo e não faça o que eu faço.* Mas temos uma grande identificação, sempre fui mais parecida com meu pai, somos muito ligados. Acho que eu fui um *link* do meu pai para com as artes. Quebrei certos tabus dele com a arte, sendo uma representante da classe, quebrei um tabu também quando casei e me separei tão rapidamente, mostrando ao meu pai que isso não denegria a moral de ninguém.

43

Para minha mãe foi difícil separar-se do meu pai aos 40 anos, porque ela era uma mulher que não tinha uma profissão, não tinha um objetivo na vida. Nunca mais teve um namorado e poderia ter passado uma frustração em relação aos homens para mim e minha irmã, mas não passou. Entendi minha mãe muito cedo, achava que ela estava errada e que não soube conquistar meu pai, disse isso a ela numa ocasião: *Vire-se para seduzi-lo e trazê-lo de volta.* Mas ela preferiu









o caminho da amargura e acho que por isso se foi tão cedo, morreu aos 65 anos. Vivía para as filhas, se via através das filhas, cada uma com sua personalidade, a Glauce ousada, empreendedora, indo pra fora e independente, e eu dando certo como atriz e sendo admirada, daí a importância que ela teve na minha carreira.

48

Houve um momento em que minha mãe até tentou nos colocar, eu e minha irmã, contra meu pai. A Glauce até hoje, de certa forma, bate de frente com ele. Mas entendi meu pai também, porque ele era muito sedutor, um homem interessante, encantador, foi meu primeiro galã, parecia o Omar Shariff com aquele olho de libanês muito forte. Acho que foi pela admiração que tinha pelo meu pai que escolhi dois maridos bem mais velhos do que eu.

Meu pai queria que eu fosse advogada, como ele. Essa realização ele teve com o meu meio-irmão, o Carlos Graieb, que se formou em Direito e hoje trabalha na revista *Veja*.

Glauce também trabalhou como atriz, mas era e é mais extrovertida, peituda. Ia à luta, ia buscar, diversificou muito as suas atividades, trabalhou com moda, desfilou como manequim, fazia locuções. Era rebelde à sua maneira, foi fazendo o que queria e ninguém dava bola, estava tudo ótimo. Acho

que pelo fato de a família achar que eu era a mais frágil, ficavam mais em cima do que eu fazia.

Acho que na maioria das famílias, ainda mais quando os irmãos têm a mesma profissão, há um certo incômodo quando um parece que dá mais certo do que o outro. Nunca senti uma disputa com a Glauce, mas sempre dá a impressão de haver uma diferença. E até você perceber que é pela sua maneira de encarar a vida, pela sua postura, pela maneira de agir, de se colocar na sua profissão, tratar e administrar sua posição...

Minha irmã mora em Itupeva, interior de São Paulo, e sempre foi uma mulher de muito talento. Sempre admirei a sua coragem e exuberância de se envolver em várias atividades, aparecer e dar certo, sempre muito bonita, elegante, classuda. Mas também percebi muito cedo que ela nunca soube administrar a vida nem em termos financeiros nem em termos de relacionamentos humanos, ela se aproximava de pessoas erradas e lidava de forma complicada com o dinheiro, talvez com uma impetuosidade que nunca tive. Sempre fui mais calma, mais tranqüila, pesava tudo e isso, às vezes, pode parecer inibição ou vergonha. Pra mim era o certo, porque a nossa profissão já é instável por si só e se você entra com quatro pernas em cima dela, alguém sai perdendo.



O pai, Carlos Graieb



Com a irmã, Glauce Graieb

Acho que minha irmã não usa as armas certas na batalha, mas quem sou eu pra dizer isso, cada um sabe o que fazer... Durante algum tempo, ela teve certa estabilidade na carreira de atriz e foi muito respeitada, muita gente a reconhece como profissional. Mas em determinado momento ela deve ter ficado frustrada com o fato de que eu, com menos luta, me mantinha trabalhando mais tempo do que ela. Houve, então, certa amargura, uma angústia e ela se isolou, tem dificuldade de lidar com a frustração. Então, tenho que ter muito cuidado com esse assunto para não ofendê-la, porque eu poderia ajudá-la. Minha alegria no momento é saber que ela está voltando à televisão depois de ter batalhado muito. Glauce atuou na novela *Ciranda de Pedra*, da Rede Globo, e esteve na novela do SBT *Os Ricos também Choram*. Ficamos quase um ano sem nos falar, mas ela percebeu a razão do meu afastamento e agora estamos mais unidas do que nunca, conversamos muito, sei que tenho uma irmã com quem posso contar. Visito meu pai e a Glauce menos do que gostaria, prefiro não levar preocupações a eles, que já têm seus próprios problemas.

Foi só a partir da novela *O Preço de uma Vida*, que fiz ao lado do Sérgio Cardoso na TV Tupi, que meu pai veio conhecer e respeitar o meu trabalho.



O Preço de uma Vida, capa do disco da trilha sonora

Não acompanhou a novela não, mas sabia que eu estava lá. A televisão estava chegando, começava a crescer como empresa, passou a ser mais divulgada e surgiram as revistas específicas, quer dizer, direcionadas a criticá-la, principalmente. A televisão era feita de jornalismo, programas de auditório, musicais, um pouco de humor, falava-se pouco dela, poucos brasileiros tinham o aparelho de TV. Digamos que meu pai pertencia àquele público que conhecia e respeitava os grandes atores de teatro, mas tinha suas reservas quanto às atrizes. Ou seja, ele gostava de um Paulo Autran, de um Sérgio Cardoso, de um Walmor Chagas.

54

Junto à atividade de advogado, meu pai exercia a de censor público. Então, de alguma forma, essa minha tendência para o teatro, para as artes, fez com que ele fosse afrouxando um pouco essa resistência. Ele conta, com muito orgulho, que foi o censor que liberou a peça *Orquestra de Senhoritas*, com Paulo Goulart.

No entanto, ainda hoje meu pai continua não entendendo certa permissividade que a figura do artista traz em si. Mas respeita o meu trabalho e tem orgulho de dizer: *Você nunca teve que posar nua. Você nunca teve que fazer concessões na sua profissão para se manter até hoje.* Esse é o seu grande orgulho. Ele sabe que eu fiz a peça *Na Sauna*, em que eu ficava nua, mas não assistiu.

Quando fomos morar no Planalto Paulista, eu já trabalhava na TV Paulista, que depois virou TV Globo. Nos corredores, cruzava com Hebe Camargo, Silvio Santos, Yara Lins. Walter Forster foi meu primeiro diretor, com ele fiz meu primeiro trabalho em televisão, um programa ao vivo como tudo na época, direcionado para os jovens, chamado *Colégio de Brotos*. Mostrava comportamentos corretos e incorretos, vamos dizer assim. Era como se estivéssemos em uma sala de aula, eu era uma das alunas, uma figurante. O par principal era feito pela Maximira Figueiredo e pelo Renato Master, com quem me casei.

Tenho um lado que ama viajar e meter o pé na estrada, ir pro desconhecido. Há dois anos, quando me separei, peguei um navio e fiz um cruzeiro sozinha. Com o Herval, uma vez por ano fazíamos uma viagem de 45 dias pela Europa ou Estados Unidos. Tomei gosto por isso e eram viagens que me emocionavam porque eu não sou consumista, nunca fui *pra shopping*, ia pra conhecer a cidade e as pessoas. Lembro de uma viagem a Nova York em que fiquei andando por aquelas ruas da Broadway como uma turista encantada, uma pessoa comum, tomando café no bar e comprando coisinhas, sem que um brasileiro viesse me despertar de um sonho pedindo um autógrafo ou uma foto.

A São Paulo de hoje não me agrada. Quando visito a cidade, percebo que não sei mais andar por ela e, então, repito os mesmos caminhos que fazia quando jovem. Ando por uma Av. Nove de Julho que todo mundo odeia, lembro da Rua das Palmeiras. Adoro a Av. São Luís, a Rua Barão de Itapetininga e a Praça Ramos de Azevedo porque eu passava por ali pra ir às aulas de balé no Teatro Municipal. Dei meus primeiros passos profissionais naquela região. Ando pela Av. Santo Amaro, porque eu morava ali no Brooklin. Quero ver o Itaim, a Vila Mariana, lugares que me remetem a coisas muito gostosas da minha vida. Outro dia mesmo, em São Paulo, ao passar pelo estádio do Pacaembu, lembrei que meu avô me levava lá aos domingos, em um carro Hudson, para comprar revistas e doce de leite.

Capítulo II

As Válvulas de Escape

Costumo dizer que na minha geração de atrizes e atores, enfim, de colegas de trabalho dessa profissão, quase todos viraram *hippies* nessa época, rebeldes sem causa. Explodiram, digamos assim, e saíram de casa. Eu tinha um temperamento mais medroso, então, a minha grande rebeldia foi assumir que eu gostava de atuar e casar para sair de casa. O casamento foi, para mim, uma válvula de escape.

Casei em 1965, com 18 para 19 anos de idade, vestida de noiva, casamento tradicional com civil e religioso, papai aos prantos me levando para o altar. Estava apaixonada, o Renato era lindo, meu príncipe encantado. Foi muito lindo entrar na Igreja de Santa Terezinha. Tinham se casado lá 15 dias antes o Dener e a Maristella, a Meire Nogueira e o Carlos Zara, a igreja tinha virado um *point*. O Sérgio Cardoso foi meu padrinho – eu estava fazendo a novela *O Preço de uma Vida* – as pessoas esperando do lado de fora, muito *flash*, foi um evento, eu costumo dizer que foi um final de capítulo de novela.

Meu casamento foi uma cutucada na ferida e uma soprada, como meu pai até hoje costuma

dizer. Porque, ao mesmo tempo em que eu estava batendo de frente com a rigidez moral do meu pai por causa da carreira que tinha escolhido, dei uma sopradinha fazendo as concessões e casando de véu e grinalda, linda de morrer, pra poder sair de casa. Hoje eu posso dizer isso, mas na época não havia essa consciência.

58

Esse encantamento com o meu príncipe encantado durou muito pouco, foi tudo muito rápido, como um *flash* de fotografia em minha vida – entre namoro, noivado e casamento foi menos que o tempo de uma novela. Não deu certo porque éramos duas cabeças jovens, logo percebi que não estava encontrando nele o que buscava em termos afetivos. Ele era uma boa pessoa, mas acho que me encantei porque era um galã, um ator, não deu nem tempo de ver os defeitos. É que estava muito forte em mim aquela coisa da atriz, buscar a minha realização como pessoa, até hoje trabalho com tanta garra, com tanto prazer, com tanta luta, exatamente com o objetivo de me realizar como pessoa.

O fim do casamento foi mais traumático para a minha família do que para mim. Mexeu muito com meu pai, que ficou chocado. Então, teve aquela célebre briga de família, do pai dizer assim: *Você nunca mais assine meu nome! Você não é mais filha.* É uma cena que a gente vê em novelas. Mas

é porque ele estava vivendo também, naquela época, a separação da minha mãe, o desquite, e não assumia isso pra nós, pra família, pros amigos e pra sociedade por causa da sua posição. E quando vê, a filha de 18 anos teve a coragem de fazer isso, ou de assumir, e diz a ele: *Olha, eu acho que você está mais bravo com isso porque eu estou tendo a coragem de fazer uma coisa que você não fez.*

Nossa briga não durou muito, tanto que voltei a morar com a família quando me separei, meus pais me superprotegiam, mas já me viam de outra maneira. E também era muito cômodo pra mim, acho que, de repente, há uma carência dentro de cada um, é muito bom estar no seio da família, ter a família pra você. Até hoje eu digo: *Gente, eu quero ir pra casa do meu pai um pouco.* Só o olhar dele, o elogio do meu pai, ele dizer assim: *Estou adorando seu trabalho, você está muito bem.* Ainda que critique, aquela coisa de pai: *Você não está bonitinha nessa novela, está parecendo uma bruxa... Não vai pentear aquele cabelinho? Não vai colocar uma roupinha mais bonita?* Ao mesmo tempo, ele admira meu despojamento como atriz, o fato de eu conseguir fazer um trabalho tão despojado assim, a maioria acha que a gente vive num mundo glamorizado...

Até hoje meu pai acompanha meu trabalho não só com a maior vaidade, mas com um respeito

muito grande. Ele sempre usa isso e diz: *Tenho respeito pela minha filha, uma representante dentro da classe de teatro e de televisão, de uma dignidade...* Isso é muito bom de ouvir, apesar de a minha vida pessoal ter tido os seus tropeços, casamento, essa parte moral, vamos dizer assim, social dentro da sociedade. Mas, ao me ver como profissional, ele tem a visão distanciada de um cidadão, de uma pessoa que sabe analisar não só como tiete, ele analisa a qualidade, a categoria do trabalho que eu faço.

60

Acho que a gente se entendia por essas nossas posições, por essa personalidade forte escondida que cada um de nós tinha. Porque meu pai até hoje é muito tímido, envergonhado de falar as coisas, fica vermelho. Então, digo que ele é um safadinho sem-vergonha. E na verdade eu sou também, tenho um lado safadinha sem-vergonha. Acabo fazendo tudo que quero, mas sem machucar o outro, tentando não agredir o outro, de uma forma que a gente não sofra. Não sofri pra sempre. Meu bálsamo foi o trabalho de atriz, não em termos financeiros, mas aquele processo de criação, de estar sempre vivendo o processo de criação.

A proximidade com meu pai foi ficando mais forte até mesmo por causa do nascimento do Carlinhos, filho de um novo casamento dele. A família estava estremecida, eu já estava com

o meu primeiro filho, Edson, fruto de meu casamento com o Edson França, e meu pai quis que o Carlinhos conhecesse o sobrinho, que era um pouco mais velho. O Carlinhos acabou trazendo meu pai de volta...

Minha vida particular, pessoal, sempre andou paralela com a minha carreira profissional. Quando do meu primeiro casamento, eu era uma atriz que estava despontando, estava me situando dentro do cenário artístico, então, se confundiu um pouco com uma novela. As pessoas tinham interesse no meu trabalho, no que eu estava fazendo e também na minha vida particular. Mas a minha vida sempre foi normal, simples, sem escândalos, tanto que muita gente não sabe que fui casada com Renato Master. O que ajuda, também, e faz com que a minha vida pessoal seja muito discreta ou pouco vasculhada, é porque a minha produção de trabalho é sempre muito grande e graças a Deus sempre de boa qualidade, sempre de interesse público ou da mídia ou até de facções, vamos dizer assim, intelectuais, de cultura... Eu gostava e gosto do meu trabalho. E nunca o fiz pelo sucesso. Sempre me empenhei para que houvesse qualidade.

Nenhum dos meus filhos seguiu a minha profissão. Vanessa, a caçula, é psicóloga, vem batalhando pela sua carreira e atualmente administra, com



Com as filhas Vanessa e Viviane



Com o filho Edson



À frente do restaurante Dois em Cena

a irmã, Viviane, meu restaurante, *Dois em Cena*. Digo que Vanessa tem o gênio do pai, Herval Rossano, mas mais adocicado, cor-de-rosa. É muito explosiva, impaciente, insegura, não acredita que é boa, capaz, inteligente. Até a entendo em determinados momentos, porque é jovem, está começando a carreira agora, batalhando, na luta diária. Como todos os jovens brasileiros, hoje, está insegura porque tem um diploma na mão e tenta começar uma profissão. Eles não entendem como nós atores temos uma certa estabilidade e conseguimos mais dinheiro com o nosso trabalho do que muitas categorias profissionais. Vanessa está casada e me deu o segundo neto, João Pedro, uma fofura.

65

Edson, o mais velho, meu grande companheiro, é um ser humano muito especial na minha vida, vive comigo até hoje, é com quem tenho maior identificação – não cortei o cordão umbilical com ele ainda. É dócil, carente, meigo, um *gentleman*. Foi o filho que mais sofrimento de mãe me deu e mais alegrias tem me dado. Minha história com ele é muito pessoal, a experiência mais rica que tenho de relação mãe e filho, relação homem e mulher, ser humano com ser humano.

Viviane começou fazendo fotos, alguns trabalhos de modelo, e um dia me disse: *Mãe, eu não tenho paciência pra isso, não sei como você*

agüenta essa carreira, esse trabalho. Foi cursar a faculdade de enfermagem, formou-se enfermeira e hoje, casada e mãe do João Luís, dois anos, uma paixão, administra o nosso restaurante. As crianças se desenvolvem tão rápido hoje que, quando me dou conta, percebo que perdi uma porção de fases delas.

O *Dois em Cena* é um projeto que montei com meu empresário e sócio André Nunes, que conheci quando fazia a peça *As Lobas*. Ele trabalhava no Teatro Vannucci e foi uma das primeiras pessoas que descobriu que eu tinha mais ambições do que ser somente atriz. Eu gostaria de me realizar com alguma outra coisa, não tenho muito apego ao dinheiro, e resolvemos montar juntos um pequeno restaurante – minhas duas filhas são sócias – com apenas 50 lugares, no Shopping Rio Sul. A cozinha é internacional, dei opiniões até no logotipo. As pessoas vão lá para encontrar a Nívea Maria e saem bem atendidas. É um prazer muito grande que me dá.

Tenho outros planos. Estou estendendo minha atuação de empresária para um bistrô no Museu do Telefone, da Telemar. Existe lá um espaço onde eu poderia apresentar um texto, o Antonio Abujamra já fez isso. E gostaria de expandir o trabalho que venho fazendo com uma escola de teatro no Sul do país, levo aos alunos a minha experiência

de atriz, como é meu processo de trabalho, meu histórico, estou querendo dar mais aulas, tem muita gente jovem com talento por aí.

Costumo dizer que desde pequena eu às vezes falava sozinha, ria sozinha, brincava sozinha, gritava sozinha. As pessoas poderiam até dizer que eu não batia bem, mas tinha minhas fantasias, usava as minhas emoções para interpretar. Não que eu visse coisas, não havia nada de espiritual, de religioso nisso, não. Mas eu interpretava, gostava de interpretar. Falava com ninguém, gritava, fazia aquele teatrinho que costumam dizer que as crianças fazem de brinquedo. Isso tudo era um exercício. Mas descobri que precisava de alguém, um diretor para direcionar, para regrad essas minhas emoções loucas. Então, sempre foi da maior importância para mim o diretor para direcionar as minhas emoções. Ofereço a ele um manancial de emoções e se ele não direcionar, eu me perco, me tornaria realmente uma louca. A carreira me serviu pra isso, para me dar um equilíbrio emocional. Hoje, quando me perguntam o que é sucesso, digo que é essa identificação imediata do público com o ator e o personagem.

Há em mim um lado espiritualista que me ajuda muito. Não é nada de religião. São forças que me iluminam, me orientam ou que, pelo menos, me fazem parar pra pensar. Não é que eu tenha

resistido, mas venho descobrindo, de repente, uma espiritualidade em mim, uma série de coincidências de sensações. Venho freqüentando uma casa de espiritualidade, me sinto muito bem lá e eles dizem que é uma missão que nós temos na terra. No meu caso, acabei encontrando pessoas difíceis na minha vida porque eu tinha facilidade para desatar esses nós.

Hoje em dia, gosto é de caminhar, me confesso preguiçosa pra ginástica. Como fiz balé clássico e balé moderno paralelamente à minha carreira de atriz, isso me ajuda na postura dos meus personagens. De vez em quando, faço acupuntura, essas coisas alternativas têm muito a ver comigo.



Celebridade

Capítulo III

Pleno Domínio da Televisão

Fui para a TV Tupi como figurante. Acabei fazendo uma substituição por seis meses e, como gostaram do meu trabalho, em 65 fui convidada pelo Cassiano Gabus Mendes para fazer *O Preço de uma Vida*, ao lado do Sérgio Cardoso e do Amilton Fernandes. Eles eram grandes galãs da Tupi. Na verdade, quem ia fazer a Thula era a Eva Wilma, a grande estrela da Tupi na época, mas o Cassiano quis lançar outro nome, e como eu tinha atuado em quatro novelas na Excelsior – *A Moça Que Veio de Longe*, *A Outra Face de Anita*, *Melodia Fatal* e *A Indomável*, depois voltei para fazer *Sangue do Meu Sangue*, em 69 – ele quis me testar. É por isso que tenho cuidado com quem começa hoje e está ao lado de uma atriz veterana. Senti na Tupi, quando entrei para protagonizar a novela ao lado de Sérgio Cardoso, certa postura de *lá vem essa franguinha, vamos ver o que ela vai fazer*. Há um preconceito nosso, então, você precisa ver primeiro se essa atriz jovem veio com uma proposta séria, se quer fazer uma carreira ou se é só uma oportunista. E eu tive que conquistar isso. Lembro que quando comecei na Tupi, no cabeleireiro eu ficava feito um pintinho assustado quando passavam Geórgia

Gomide, John Herbert, Eva Wilma, Laura Cardoso. Tive contato muito cedo com os grandes profissionais do nosso teatro, lembro de Paulo Autran, de Cleyde Yáconis fazendo grandes participações na televisão quando eu era quase uma figurante ou fazia pequenos papéis. Nas preparações desses trabalhos, havia o ensaio de mesa, havia um aprofundamento naquilo que se ia fazer.

72

Na época da Excelsior já existia o videoteipe, já se apresentava novelas no Brasil inteiro e a Excelsior era uma grande família, estavam lá todos os diretores, os grandes atores, eu convivía muito com Tarcísio Meira e Glória Menezes, Regina Duarte, Armando Bógus, Fúlvio Stefanini, Osmar Prado, Irina Grecco, Walter Avancini. Foi lá que conheci o Edson França, ele tinha feito *My Fair Lady* com a Bibi Ferreira, que naquela época tinha um programa importante na emissora, durou vários anos, estavam casados na época.

Enfim, ele se encantou por mim e vice-versa, era um homem muito mais velho do que eu, quase 20 anos, me fez uma proposta e... eu era muito quietinha, mas rapidinha. Bibi Ferreira brinca muito comigo dizendo *nós e nossos maridos*, porque o Herval Rossano também foi casado com ela, ela dizia que todos os maridos dela se apaixonavam por Nívea Maria. Nossa grande

brincadeira era quando ela estava casada com o Paulo Porto, ela dizia pra ele: *Você não olhe para Nívea Maria!*

Bibi sempre foi muito carinhosa comigo, e até hoje é, me ajudou muito quando fui fazer a peça *Na Sauna*, em que deveria ficar nua. Aliás, só fiz o trabalho porque era direção dela, eu via na Bibi a capacidade, o talento e a sensibilidade pra dirigir uma atriz que pela primeira vez ia aparecer nua em cena e tinha muitas dificuldades para isso.

Quando me casei com Edson e tive meus filhos – Edson e Viviane –, houve um hiato de quatro anos na minha carreira, fiquei só de mãe. Não foi uma fase frustrante, mas ao mesmo tempo foi, não era só aquilo o que eu queria para mim, digamos que a minha vida ficou meio parada, meio vazia. O mercado em São Paulo estava ruim, a Excelsior tinha fechado – meu último trabalho foi em *Sangue do Meu Sangue* do Vicente Sesso, ao lado de Francisco Cuoco, Nicette Bruno, Armando Bógus, Henrique Martins, Tônia Carrero, Fernanda Montenegro.

A carreira do Edson França também não estava nos seus melhores momentos, estava vazia, parada, ele era vaidoso, sofria com isso. Além disso, ele tinha problemas com bebida, nossa separação, aliás, se deu por conta disso e de certa

postura agressiva. Eu mesma me surpreendi com a tranquilidade e o equilíbrio com que consegui sair desse casamento pra começar uma vida sozinha. Porque, quando nasceu a Viviane, eu disse: *Gente, não é só isso que eu quero, eu estou só de mãe...* Houve uma, não digo depressão, não posso diagnosticar como depressão, mas sim uma aflição. Eu estava me neurotizando um pouco como dona de casa, estava com mania de limpeza, mania de horário, de rigidez até com a educação dos filhos. Estava me tornando dura com relação à vida, com relação ao dia-a-dia, à rotina da vida. E eu preciso da minha arte de representar pra me desestressar, pra botar isso pra fora, pra extravasar tudo isso. Aí, minha filha estava com 3 meses, eu me lembro de um dia pedir dinheiro ao meu pai, inclusive porque o dinheiro estava começando a ficar curto também. Disse a ele: *Vou ao Rio de Janeiro, porque o trabalho está lá, vou tentar lá.* A TV Globo estava começando, era 1971, então, peguei um ônibus e vim para o Rio de Janeiro. Falei com o Daniel Filho, com o Reynaldo Boury e com o autor de novelas Walter Negrão, eles estavam montando o elenco de *O Primeiro Amor* para o horário das 19 horas. E aí me colocaram nessa novela para fazer a Helena, minha primeira novela na TV Globo.



O Primeiro Amor

Helena era irmã de um personagem muito importante na novela, o Shazan, interpretado por Paulo José. Estávamos começando todos, eu recomeçando como atriz e tentando conquistar a televisão outra vez. Era a segunda novela do Marco Nanini. Marcos Paulo fazia seu primeiro galã, os protagonistas eram Sérgio Cardoso, Tônia Carrero, Rosamaria Murtinho, Aracy Balabanian e aí vinham os jovens. Nós éramos, como até hoje a televisão tem, os jovens que estão começando e tentavam se firmar. A gente formava o que se chamava de patota, era a palavra da época, e gravávamos no Alto da Boa Vista, numa pracinha que existia lá, onde estavam as bicicletas todas da novela.

Nessa novela começou o esquema de *merchandising*. Nós, atores, não tínhamos conhecimento disso, que estaríamos sendo *usados* para isso. O importante dessa novela é porque ela retratava o comportamento do jovem naquele momento dentro do Rio de Janeiro. Era uma novela muito de Rio de Janeiro, apesar de escrita por Walter Negrão, que é paulista. Mas era uma novela de bairro, ali do Alto da Boa Vista, a gente gravava no Leblon porque a casa era no Leblon. E nós éramos muito unidos, todos os meus colegas jovens da novela eram jovens e solteiros. A irmã da Suzana Vieira, a Suzaninha Gonçalves, no papel



O Primeiro Amor, com Paulo José, Sérgio Cardoso e Rosamaria Murtinho

da personagem Babi, transformou-se no sucesso do momento como a jovem rebelde, moderna, era uma gatinha, estava em todas as revistas. Eu era a única casada, com dois filhos, e fazia uma jovem ingênua, virgem, acho que eu e o personagem tínhamos a mesma idade. Então, consciente ou inconscientemente, eu pensava: *Meu Deus do céu, eu não sou essa garotinha da novela!*. Mas acabei me entrosando muito rapidamente com o temperamento dos cariocas – Marcos Paulo era mais paulista do que eu, mais sério, mais tímido, mais reservado... A brincadeira, a descontração dos colegas de trabalho naquela época fazia com que eu me sentisse mais jovem do que eu era e sem a responsabilidade de mãe que eu já tinha. Eu acho que é por isso que a Helena de *O Primeiro Amor* tinha essa pureza.

Vim sozinha pro Rio, era um recomeço, e passei um ano trabalhando sem a minha filha, que ficou com minha mãe. Trouxe só o mais velho. Ele ficou sem colégio um ano, porque eu estava tentando reestruturar toda minha vida e recomeçar artisticamente e financeiramente. Acho que meu casamento começou a acabar aí, porque essa minha decisão mexeu com os brios do Edson, acho que ele dizia: – *Ela conseguiu, como é que ela foi e eu não...* Não houve disputa entre nós, pelo menos consciente, mas chegou a

me prejudicar em termos de contrato financeiro, porque houve uma postura dele diante da emissora dizendo assim: *Ela só assina contrato se eu for contratado também ou se tiver trabalho também*. Não sei direito quais palavras ele usou, mas isso senti durante alguns meses lá dentro.

Em *O Primeiro Amor*, voltei a trabalhar com Sérgio Cardoso. Por ocasião da novela *O Preço de uma Vida*, a minha relação com ele era de medo, por ser a minha primeira protagonista de novela ao lado de um ícone do nosso teatro nacional. E Sérgio fazia jus ao título, tinha uma postura de Laurence Olivier nos corredores e nos estúdios. Ele pedia silêncio, passava o texto e, na verdade, era uma pessoa tão insegura como todos nós. Eu me preocupava em estar com o texto muito bem sabido para observar a interpretação dele – ele fazia charme nos ensaios porque atuava de várias maneiras. Fazia as cenas de várias formas e você não sabia qual ele usaria na hora de gravar. Isso foi nos primeiros três a seis meses de novela. Depois, com a minha sensibilidade, ou a minha percepção, pude ver que o Sérgio era a pessoa mais frágil que podia existir. E, de repente, ele passou a me tratar como uma filha.

Nosso relacionamento deixou de ser cerimonioso no dia em que ele chegou ao estúdio e me entregou uma rosa, a coisa mais emocionante que

me aconteceu. Uma rosa. Ele me falou *Bom dia* e me deu uma rosa vermelha. Ali tinha o charme, o mistério de um homem entregando uma rosa para uma atriz jovem – naquela época eu ainda era solteira, noiva do Renato. Eu era menina e de repente aquele homem me entregando uma rosa. Então, houve um encantamento que, acho, passou no meu olhar. Ainda vou ver nos vídeos, mas nas fotos está o meu olhar de encantamento para o Sérgio Cardoso como Doutor Valcourt, o monstro e o galã da novela.

80

Quando vim para o Rio, já havia uma intimidade maior entre nós, pois tínhamos viajado o Brasil como personagens da novela de sucesso, brincado em bailes de carnaval, tido conversas pela madrugada. Eu já conhecia um Sérgio Cardoso mais solto, com seus segredos, suas fragilidades, suas fraquezas. Tínhamos ficado amigos, ele me protegia e eu, de certa forma, também a ele.

Depois de *O Primeiro Amor*, fiz *Uma Rosa com Amor*, e foi quando me considerei uma atriz privilegiada. Porque na minha segunda novela dentro da Rede Globo, eu estava ao lado de Marília Pêra, que é uma referência de figura artística, de interpretação, com quem aprendi muito. Ela tem uma verve, um humor e uma postura que me fazem, mesmo trabalhando e apesar da minha concentração, olhar a minha

colega como espectadora e ficar babando. E aí, imediatamente, eu tenho que me tocar e fazer o meu papel. Isso foi grande pra mim em *Uma Rosa com Amor*. Trabalhar com Grande Otelo! De repente, eu estava ao lado do maior nome do cinema brasileiro. Porque estou lá trabalhando e continuo sendo a fã que confessa: *Vou chupar o que eu puder de você se for útil pra mim, o que se encaixar em mim, na minha característica como atriz....*

Na época que eu fazia esses trabalhos, não sabia a dimensão e a importância que eles tinham dentro daquele contexto. Posso dizer isso hoje, depois de todos esses anos de amadurecimento, porque tenho muita complacência com o jovem que está começando e que não tem a dimensão da importância que é você criar um personagem. Em *Uma Rosa com Amor*, nosso núcleo era um cortiço, então, a gente representava ali uma família classe média baixa. Havia um pai (Felipe Carone) que trabalhava, uma mãe de família (Lélia Abramo), o comportamento de jovens diferentes, como o personagem (Serafina) da Marília Pêra, de uma mulher independente que trabalhava como secretária, uma coisa que não existia na sociedade. Minha personagem – Terezinha – era uma estudante que vivia dentro dos rigores de comportamento da época, que não

podia ter namorado, tinha que namorar escondido. Havia o triângulo com o bom e o mau caráter, representados por Roberto Pirillo e José Augusto Branco. Qual dos dois é melhor pra você? A gente não tem dimensão de que a novela traz dentro de si um conteúdo assim, social, muito forte. E havia a direção do Walter Campos.

82

Com *A Moreninha*, a TV Globo estava num processo de reabertura do horário das 6 horas. Foi Herval Rossano quem me chamou, ele tinha consciência da importância do horário porque já havia feito *Senhora* de José de Alencar, com Norma Blum e Cláudio Marzo. Eu sabia que a proposta dele não era uma simples proposta de novela, de ibope, mas sim de adaptação de romances brasileiros para aquele horário. Em *A Moreninha* havia a mágica do personagem heróico, romântico, a novela era o máximo do romantismo. Vou ser muito louca de dizer, mas é... *E o Vento Levou* em termos de heroína, um personagem que leva a novela aos estertores, aos limites do romantismo, da fantasia, do amor. As pessoas me perguntam muito por onde anda Mário Cardoso, com quem trabalhei. Acredito que ali a figura física do Mário Cardoso foi mais importante do que suas qualidades como ator, e ele se encaixou perfeitamente. Marco Nanini fazia meu irmão, que era um poeta, uma pessoa

toda desengonçada. Ali você tinha personagens masculinos heróicos todos, havia o Eduardo Tornaghi, enfim, era tudo muito mágico, estava lá a Henriqueta Briebe, as meninas todas muito bonitas. A Rede Globo nos deu condições para fazer o melhor tanto tecnicamente quanto em termos de figurino, nada podia ficar falso, cuidava-se de todos os detalhes. E havia a preocupação com o texto, com a adaptação que vinha sendo feita por Marcos Rey.

Naquela época, já estava se formando o conceito da novela das 7, novela das 8, mas nunca senti o problema do horário e nunca ouvi que a novela das 8 era mais importante que a das 6 ou das 7 horas. Acho que, dentro da programação da Rede Globo, tudo tinha sua importância ou era tudo equilibrado. E, pra mim, tanto faz o horário, o importante é o trabalho do ator. Acho que recentemente é que essa questão veio ganhando mais importância, o horário mais tarde, de repente, é mais bem visto em termos comerciais, ele vende. Então, comecei às 7 horas com dois estrondosos sucessos, que foram *O Primeiro Amor* e *Uma Rosa com Amor*, e depois fui fazer *O Semideus*, da Janete Clair, às 8.

Em *Corrida do Ouro* de Lauro César Muniz e Gilberto Braga, eu fazia a filha de uma das herdeiras – Célia Biar – ao lado de Aracy Balabanian, que



Corrida do Ouro, com Renata Sorrah, Yoná Magalhães, Célia Biar, Sandra Bréa, Maria Luiza Castelli e Aracy Balabanian

eu já conhecia da Tupi; Renata Sorrah, uma atriz de teatro e estrela de televisão em ascensão; da Sandra Bréa, que era tanto estrela como atriz, a primeira atriz completa da televisão porque cantava, dançava, sapateava – era a mulher mais amada e querida pelos homens, muito sensual; Maria Luíza Castelli e Yoná Magalhães. Celinha Biar, outro ícone da televisão, era uma das estrelas da Rede Globo como apresentadora de filmes. Com ela, exerci uma das minhas características, de abrir o canal para ter a pessoa humana antes da atriz, que me facilitou muito a química com a Célia e com as outras. Essa novela foi boa para o horário das 7, mas não representa para mim uma das lembranças mais fortes como trabalho, não houve um aprofundamento. Os colegas eram quase os mesmos, mas havia ali a presença do Daniel Filho como mentor. Na verdade, essas novelas todas representavam experiências dentro da Rede Globo em busca dos temas e de definições de horários para a programação de novelas. *Corrida do Ouro* se enquadrava ali, na linha das 7.

Em *O Semideus*, Walter Avancini havia me testado pra ver se eu tinha amadurecido como atriz. Deve ter gostado do meu trabalho porque dois anos depois, em 75, me chamou pra fazer a Jersusa de *Gabriela*. Na verdade, não fui a primeira

opção de atriz para fazer o papel, havia outra atriz nova no páreo, mas acho que o Avancini viu que, para a dimensão do personagem, precisava de uma atriz com mais experiência, com mais maturidade.

A Jerusa é a Nívea no sentido de que ela era uma menina sonhadora, reprimida, que respeitava a figura dos pais, do avô, respeitava as regras morais da época e da sociedade em que vivia. Mas, ao mesmo tempo, tinha ao lado uma amiga rebelde, a Malvina (Elizabeth Savala); então, ela gostaria de ser o que a Malvina era, mas por temperamento não conseguia. A Nívea é um pouco isso. É aquela mulher que levanta uma bandeira, mas não tem coragem de abri-la e agitá-la.

86

Tem uma cena minha com o Paulo Gracindo, o Coronel Ramiro, que era meu avô – a densidade de todas as cenas sérias da novela estava em torno do elenco –, em que ele discutia comigo o poder do sangue da família. A Jerusa queria romper as tradições, casar com o Mundinho (José Wilker), mas, por mais que tivesse todas as suas vontades e todo aquele mundo para explodir dentro de si, era impossível a uma neta que não respeitasse, não se calasse, não baixasse os olhos, não ouvisse aquele avô. O que dava certo e o que era brilhante naquilo era o entendimento da cena que a gente estava fazendo, as



Gabriela, com José Wilker

entrelinhas daquilo que estava dizendo. Não era simplesmente um diálogo de um avô chamando a atenção ou ditando regras para uma neta, era o que estava por baixo daquilo tudo.

Gabriela tinha muito isso em quase todos os núcleos, em quase todas as situações, na mulher que a Maria Fernanda fazia e que tinha um romance com aquele jovem (João Paulo Adour); na rebeldia da Malvina; na postura de Mundinho, um homem que vinha pra mexer com as estruturas políticas e sociais da época.

88

Marco Nanini, que estava comigo em *Gabriela* é um ator que me emociona, mesmo fazendo humor. Ele hoje faz só humor. Temos pouca oportunidade de ver Nanini em papéis mais sérios. Mas ele é de uma emoção, me arrepia. E José Wilker é o que eu chamo aqui de o tal ator adiante do seu tempo sempre. Então, ali, no papel de Mundinho, ele já demonstrava essa modernidade de atuar mesmo fazendo uma novela de época. Ele foi o primeiro galã de personagem de novela por quem me apaixonei, porque eu me apaixonava mesmo pelo ator e pelo personagem. Os outros eu conseguia separar, mas com o Wilker não consegui. Ele é um capeta quando faz um personagem, é muito interessante a maneira de ele trabalhar. Nossa química deve ter passado ali porque ficou muito lindo.

Em *O Feijão e o Sonho* adaptada pelo Benedito Ruy Barbosa de uma obra de Orígenes Lessa, eu como Maria Rosa já estava rompendo com aquelas heroínas românticas, frágeis e sonhadoras. Gravamos em Conservatória e o mais importante ali foi atuar ao lado do Cláudio Cavalcanti, um ator e colega que colaborou muito para aquele trabalho no papel do poeta Campos Lara. Aquele casal representava o material e o lúdico.

Lembro que a novela foi produzida num momento em que se estava colocando em dúvida se continuávamos com o horário das 6, quando estávamos cravando um espaço físico para se produzir novela. Em função do incêndio na TV Globo, fomos gravar nos estúdios da TV Educativa do Rio de Janeiro. O empenho maior era exatamente isso, queríamos provar que valia a pena sim continuar fazendo novelas de época e adaptação de romances brasileiros, e isso tudo colaborou para o resultado da novela. O meu personagem ia até a idade que eu tenho hoje praticamente e a gente envelheceu na trama com a preocupação de aquilo não ficar falso. Porque eu não tinha cabelos brancos nem rugas para mostrar que os anos tinham passado e que aquela mulher tinha sofrido ao lado do marido romântico, iludido, poeta, que achava que tudo ia dar certo na vida. Ela se encanta



O Feijão e o Sonho, com *Cláudio Cavalcanti*

com o poeta do interior e vai se amargurando depois de enfrentar a realidade. Era uma mulher pé-no-chão, feijão-com-arroz mesmo, que se preocupava com a educação dos filhos, com a sobrevivência, mas sem perder a doçura. Tanto que até o final aquele casal fica junto, numa prova de que às vezes as diferenças podem, sim, manter um casal junto pela vida toda. O Cláudio Cavalcanti estava muito bem escalado ali, deu peso ao personagem, é uma pessoa de uma sensibilidade, de uma fragilidade, apesar de ser um homem grande, alto.

A novela foi um pouco atabalhoada em termos de produção, mas tudo valia a pena. Não era muito rica em cenários, nem em locação, era bem interiorana e as condições que nos eram dadas eram mínimas também. A história inteira se passava numa rua, naquela casa daquela rua. Quer dizer, começava no interior, ela casava e vinha para a cidade grande, sempre em São Paulo. No elenco estavam também Aurimar Rocha, Lícia Magna, Roberto Bomfim, a Lúcia Alves que fazia minha irmã, e duas novas atrizes que estavam sendo lançadas, Myrian Rios e Lídia Brondi, de muito talento e muito queridas, que de repente a televisão perdeu. Nesse trabalho, acredito ter conquistado alguma coisa como atriz, porque não lembro como é que consegui

fazer uma mulher de 60 anos, com o peso de 60 anos, quando eu tinha 30 e poucos. E olhava uma menina que devia ter, sei lá, 20 anos, apenas dez anos a menos, como minha filha...

E isso tudo cai na minha história pessoal, porque tenho um lado sonhador, me permito sonhar sim, ousar sonhar sim, não tenho pudor de sonhar e de ser romântica. Mas não tiro o pé do chão, porque senão eu piro, ia virar uma louca desde criança, imagina, se eu sei que posso voar, vou pular da janela e voar. Adoro criar, inventar, adoro brincar disso! Porque é uma brincadeira você criar essas coisas, criar uma pessoa que você não é. Uma brincadeira e também uma responsabilidade muito grande, porque quem está assistindo tem que saber que eu não sou esse personagem, mas que estou no personagem naquele determinado momento.

92

Às vezes me dizem que sou uma das responsáveis pelo horário da novela das 6 ter vingado no Brasil, uma vez que a minha imagem foi associada, durante muitos anos, à da mocinha da novela das 6. Não sei que importância isso tem na cultura brasileira, em que proporção, mas é muito bom saber que colaborei, não tenho qualquer preconceito com o horário, o horário em que a novela é exibida não faz diferença. Porque, querendo ou não, uma novela sim outra não, eu estava no

ar, então, se eu errasse o pé ali, não existiria a próxima. E o público do horário cresceu comigo. É importante dizer que não são apenas mulheres que assistem, mas homens também, da minha idade, na faixa dos 50 aos 60 anos, que eu encontro em qualquer lugar do País, de distintas classes sociais, desde empresários até pessoas simples que trabalham há anos na padaria ou num lugar. Homens que se remetem a trabalhos meus do horário das 6. Aí eu digo assim: *Você às 6 horas estava em casa?*

A Rosália de *Dona Xepa* era um tipo novo na época, alpinista social, egoísta, antagonista. Era uma coisa nova inclusive, ela acaba sozinha perto da orla e isso foi muito importante pra trama. Aquela caminhada final, ela pensando: *Eu não quero ninguém. Pisando no mundo eu vou chegar lá*. Rosália tinha certa exuberância, para conquistar ela usava inclusive sexo. Casou-se com Heitor, interpretado pelo Rubens de Falco, só pelo dinheiro. Em *Dona Xepa* o Reinaldo Gonzaga fazia meu irmão, Edson.

Outro dia eu estava pensando que até hoje não fiz uma Helena de Manoel Carlos como todas as atrizes contemporâneas minhas hoje vêm dizendo. Mas com ele eu tive uma *Maria, Maria*. Manoel Carlos não sabia, mas ali ele já construía uma Helena, os personagens duplos de *Maria*,



Maria, Maria, com Cláudio Cavalcanti



Maria, Maria, com Ary Coslov



Olhai os Lírios do Campo, com *Cláudio Marzo*

Maria são uma Helena, são a mistura de uma mulher. Ouso dizer que Manoel Carlos coloca na boca das personagens Helena o que eu disse nas personagens de *Maria, Maria*. Algumas falas que mostram a postura, o que pensa a Helena que ele escreve. Ele é um poeta quando cria o texto, coloca a essência, a alma do personagem, a alma da mulher. Em *Maria, Maria* que muita gente considera meu melhor trabalho, eu tinha um papel duplo difícil, mas fascinante, duas moças – a simplória Mariazinha e a rica Dusá – exatamente iguais fisicamente, mas diferentes, opostas em caráter, comportamento, situação social. Atuei quase instintivamente e tenho muito orgulho desse trabalho, era a primeira vez que uma atriz representava duplo papel em novela da Globo.

97

Olhai os Lírios do Campo foi uma produção muito sofisticada, um texto do Érico Veríssimo. Eu fazia uma médica, o Cláudio Marzo era meu parceiro. Eu tinha ficado quase um ano e meio afastada da televisão, tive uma gravidez problemática e aproveitei para dar assistência em casa, curtir os filhos, ver a Vanessa engatinhar. Nesse período, senti falta do trabalho, mas acho que valeu a pena essa parada, voltei mais segura.

Uma das últimas novelas de época que fiz no horário das seis foi *Terras do Sem Fim* inspirada



Terras do Sem Fim

em três romances de Jorge Amado: *Terras do Sem Fim*, *Cacau* e *São Jorge dos Ilhéus*. Eu fazia a personagem Donana.

Anos Dourados, minissérie de 1986, marca minha volta à Rede Globo depois de um período no Chile. Fui dirigida pelo Roberto Talma em um personagem parecido com o que eu estava vivendo na época, uma mulher dos anos 50, reprimida, sofrida. Eu era Beatriz, filha de um militar, o Brigadeiro Campos, vivido por José Lewgoy. Tinha um marido, que era o José de Abreu, que tinha, uma amante, a Betty Faria. O Gilberto Braga estava inspiradíssimo quando deu o nome de *Anos Dourados*, porque realmente os anos 50 foram os anos dourados.

99

Nesse trabalho, eu tinha cenas ousadas pra mim como atriz, tinha uma cena de cama com o José de Abreu que nunca tinha feito na televisão, seria uma relação sexual. O Talma teve um cuidado, uma delicadeza e um respeito tão grandes ao me dirigir que a cena ficou linda no ar. Ela explora uma sexualidade que eu achava que não tinha e que está lá implícita. O trabalho também me faz descobrir muitas coisas dentro de mim.

Nessa minissérie, o José Lewgoy me dizia na última cena: *Pelo amor de Deus, não se separe que nós vamos morrer de vergonha*. E eu subia

as escadas. Veja só como a arte imita a vida. Essa cena lembra muito meu pai quando me falou: *Não faça. Não ouse.* A postura da Beatriz, naquele momento, era de libertação: *Não. Eu vou me separar sim. Vou voltar a estudar.* Aquela subida de escada era muito simbólica, de ascender na vida: *Vou tentar um caminho novo, uma coisa nova na minha vida.*

Humor eu fiz em *Brega & Chique*, de Cassiano Gabus Mendes, e em *Pedra sobre Pedra*, de Aguiinaldo Silva, aquela portuguesa ridícula, a Ximena, que lembrava minha avó. A Zilda, de *Brega & Chique* era totalmente diferente de tudo o que eu já tinha feito e me permitia brincar com o personagem, mostrar um humor que eu tenho, mas que só aparecia nos bastidores.

Não tenho nenhum método especial de incorporar personagem, acho que ele bate. Normalmente, começo um trabalho procurando entender o personagem que o primeiro dia do figurino e o primeiro dia do cenário me ajudam a incorporar. Visualizo aquele personagem e depois o experimento de várias maneiras, experimento muito. Mas não faço como o Sérgio Cardoso fazia, jogando de várias formas, para que o colega não leve um susto e não te prejudique, porque você se desconcentra também – o Osmar Prado também faz muito isso, é o ator que trabalha



Brega & Chique, com *Marília Pêra*



Pedra sobre Pedra

sozinho. Para mim é uma brincadeira atuar, é muito prazeroso quando dizem *gravando!*, é uma mudança muito grande da Nívea para o personagem. Consigo até o último segundo ser a Nívea Maria, tenho consciência até o momento que dizem: *Atenção, gravando*. Aí eu passo a ser a outra, e a partir desse momento disparo, posso até ter um ataque cardíaco, como eu quase tive fazendo *Vida Nova Àquela italiana*, a Gema, que as pessoas não citam muito, eu reputo um grande trabalho meu de pesquisa.

O Osmar Prado e eu estávamos numa cena muito importante, em que eu falava sobre a vida e suas dificuldades, sobre ter que trabalhar, sobre traição e sobre amor. Vinha num crescendo, havia várias emoções e a cena terminava com a gente na cama em um beijo cenográfico. Fazíamos a cena direta, ensaiávamos muito e isso pra mim era o máximo, eu adorava porque entro numa *trip* maravilhosa. Então, eu estava brincando e o Osmar também, ele que é um ator muito sério, muito denso, era muito bom fazer o trabalho com ele, e no meio da cena, por qualquer razão, o diretor, o Luiz Fernando Carvalho, apertou aquele botão e entrou a sua voz dizendo: *Vamos parar aí porque não está dando...* Tive uma taquicardia e pensei que fosse desmaiar no estúdio, tive uma crise de choro porque estava



Vida Nova

no meio de uma loucura de interpretação. Nunca tinha me acontecido isso, eu disse a ele: *Você não me faça mais isso, pelo amor de Deus, que senão você me mata do coração*. Esse trabalho em *Vida Nova* eu cito sempre, as pessoas não dão a importância que eu dou, por causa disso, dessa descoberta minha, do meu processo de trabalho. Eu me vi de repente muito suscetível a uma coisa séria, então, não posso me entregar senão eu piro. Tenho um lado muito racional, sempre tive, mas naquele trabalho foi ao contrário...

Sob direção-geral do Paulo Ubiratan, fui a Berenice Castro de *Meu Bem, Meu Mal* de Cassiano Gabus Mendes, que teve repercussão mais surpreendente em Portugal do que aqui. Fui pra lá com o Lima Duarte no final da novela e fiquei assustada. Apesar de ter criado um personagem popular, que era uma manicure com uma filha adolescente cheia de problemas, considero um trabalho meio amorfo porque circulava sem profundidade dentro da história. O drama pessoal que veio a aparecer em determinado momento, que era o fato de ela ter sido casada com um ex-presidiário, não foi muito explorado. Mas em Portugal, não sei se em função do momento certo ou de algum trabalho meu que tivessem reprisado, houve muita repercussão. Era uma novela com grandes personagens, com a qual

tivemos também grandes problemas. O maior prazer foi estar junto a Lídia Brondi, como sua mãe novamente. Foi o último trabalho da Lídia e participei, como ser humano, do processo que ela estava vivendo como profissional e como mulher ao resolver se afastar da profissão. Também tinha o Cassinho Gabus Mendes, por quem tenho muito carinho, não só por ele, mas pelo irmão Tato. Eles achavam que eu já havia namorado o Cassiano, pai deles, e eu dizia que não, rindo, porque era muito garota na época e o pai deles já era velho quando eu o conheci. Tenho muita afinidade com eles, são dois meninos muito queridos pra mim.

106

Em *Sonho Meu*, acho que fiz uma bruxa, uma coisa meio infanto-juvenil, talvez porque a Elisa, para mim, era uma bruxa, uma mulher frustrada, antipática e impaciente, com uma maldade infantil, do tipo que não quer dar água pra criança e coisas assim, sem conseqüência dramática. O contraponto ali era o personagem do Elias Gleizer, que seria o Papai Noel, o bom, e havia as crianças que eu adorava. Então, a novela tinha esses núcleos com figuras mais mitológicas, não eram personagens do cotidiano. Foi bom fazer porque a gente gravou no Paraná, então, quando se trabalha em outra cidade, as pessoas do local têm um carinho especial, acompanham, anos depois



Sonho Meu, com Carolina Pavanelli

elas se lembram. Estive recentemente em Curitiba e tinha gente no evento em que eu estava que se lembrava do hotel em que fiquei hospedada, daquele bar, daquela rua em que gravei, e isso como experiência é muito bom. Mas o personagem também teve o seu valor. Às vezes, a gente não dá importância, mas se alguém for analisar em termos de trabalho de atriz, esse seria considerado um trabalho bom. Não sei se importante, mas foi bom, porque eu tinha poucos elementos. Então, quando digo que tive uma fase amorfa na minha carreira, é por aí. Às vezes você até faz um bom personagem numa novela que tem um contexto que não dá certo e às vezes é o inverso. Mas gosto de todos os meus trabalhos.

108

Fumei muito durante 40 anos e quando parei não foi em função da Emilianita de *Suave Veneno*, não. Um dia, fui fazer o programa de televisão da Leda Nagle, o *Sem Censura*. Eu tinha acabado de gravar *A Casa das Sete Mulheres* e fumei um cigarro antes de entrar no estúdio. Fiz o programa e, quando saí, lembrei que tinha que comprar cigarro. Mas fui pra casa e não comprei, passou a noite e não comprei, no dia seguinte não comprei de novo e decidi não comprar mais. Não houve motivo, não era promessa, não precisei de remédio. O cigarro pra mim sempre foi mais dependência emocional do que física.



Suave Veneno

Às vezes até me dá vontade de fumar um cigarro, mas aí me pergunto: *A troca do quê?*

A Nana de *Suave Veneno* era um personagem muito interessante que acabou se destacando só pelo cigarro. Mas ela poderia ou deveria ser aquela amiga disponível, que não está casada, que está livre e solta na vida, que quando você tem problema, chama e ela te ouve. Porque ela é terapeuta, médica, babá dos filhos, amiga do marido, a que resolve tudo. Mas a Nana não se aprofundou, ficou mais em cima do cigarro, que era um dado muito engraçado, até mesmo porque naquele momento tentaram usá-la no movimento antitabagismo.

110

Parar de fumar fez parte dessas minhas fases de mudanças. Minha separação do Herval me ensinou a me desapegar de determinadas coisas. Porque nada é pra sempre, nada é eterno, quer dizer, nada precisa durar para sempre, tenho que aprender a me desapegar. E na Maria da *Casa das Sete Mulheres* além de ser uma doida, que eu morria de rir, me fazia fumar adoidado. Eu fumava e ia fazer a Maria, um personagem que não poderia fumar.

Mas o prazer de trabalhar em *Suave Veneno* foi estar ao lado de Irene Ravache, que a gente de repente se descobriu com algumas histórias de

vida e de mãe muito parecidas. Então, ficávamos surpresas de termos vivido e passado as mesmas coisas. Irene tem um humor maravilhoso, aquele humor ácido que às vezes as pessoas não entendem, que até a gente achava que às vezes era demais. É uma mulher por quem eu tenho muita admiração, que ainda namora, a gente morria de rir antes que alguém ridicularizasse. Tínhamos muitos pontos em comum.

Irene tem a segurança de recusar determinadas coisas para não se desgastar. Nesse meu período amorfo na televisão, eu poderia ter dito não a muitos trabalhos como ela, que tem um talento enorme, mas não se desgasta, vai fazer só o que quer e o que lhe dá prazer. Já sou um pouco medrosa e, a partir do momento que embarco, não reclamo mais, não nego nem crucifico. É como o Juca de Oliveira faz, só que não posso ser preguiçosa porque aí tem meu lado de controladora, quero comandar as coisas. E pra comandar tenho que ter certa estabilidade emocional e financeira, tanto que meus filhos hoje estão criados. Mas estou me exercitando pra perder isso, pra ficar mais leve e aproveitar mais meus trabalhos também. E tenho feito isso porque o resultado está aí. Fui ver Irene na peça *Uma Relação tão Delicada* e chorei o tempo inteiro, ela me disse que eu estava passando a maior vergonha.

Quando foi fazer uma participação em *A Casa das Sete Mulheres* a Irene estava apavorada. Ela dizia: *Estou muito velha!*. E eu: *O que você está falando? Enlouqueceu?* Ela estava nervosa, tensa, com medo da figura física dela na *Casa das Sete Mulheres*. Acho que a gente caminha pra isso, para que esses autores sejam um pouco carinhosos conosco e digam assim: *Vamos chamar aquela atriz e não vamos fazer ela passar ridículo, ficar namorando um garotinho. Porque a Nívea não tem ruga na cara, mas tem um peso de atriz. Então, vamos dar a ela uma participação que valha a pena....*

112

Volto a dizer que é um pouco preconceito das pessoas que não me conhecem e um pouco culpa minha que não me mostro também. Estou me despindo aos poucos, agora é que estou me mostrando, chegando às pessoas, me permitindo chegar e permitindo que me conheçam. Com o Sílvio de Abreu, a quem conheço há muitos anos, desde a *Excelsior*, nunca trabalhei. Tenho pudor, inibição de pedir um papel, mas vai chegar o ponto, tudo tem sua hora.

Acho que alguns autores não trabalham com certas pessoas, para alguns eu até falo: *Você tem medo de trabalhar comigo*. Porque sei que sou uma atriz um pouco estigmatizada e que não vou encaixar no perfil do que eles fazem. O



Celebridade, com Taumaturgo Ferreira e Ana Beatriz Nogueira

Gilberto Braga me pediu desculpas pela Corina que ele me fez. Mas a história dela era aquela, então, pronto, eu posso fazer. Soube que ele comentou estar desperdiçando uma atriz numa novela que foi um grande sucesso. Mas só o fato de eu ter participado de *Celebridade* foi maravilhoso, mesmo que o personagem tenha sido quase uma participação especial. E foi bom ele não ter tido vergonha de me falar que eu estava sendo desperdiçada, porque é sinal que eu também abri as portas.

114

Com a Edna de *O Clone* briguei muito, porque ela era um pouco amorfa, eu queria que fosse mais participante na vida e no lado profissional. Mas isso faz parte dos autores e suas características. Tem alguns que são fiéis à sinopse e ao perfil dos personagens até o final, e isso é bom porque você se sente mais segura. E tem outros autores que vão modificando a novela de acordo com as pressões da mídia, ou da própria empresa, ou de resultados e acabam se perdendo. Trabalhar com o Juca de Oliveira em *O Clone* também foi ótimo, nós tínhamos feito juntos *O Semideus* da Janete Clair, ele nem se lembrava. O Juca é um ator preguiçoso, mas que te surpreende, de uma capacidade de concentração imensa. Ele é muito parecido comigo. A gente está falando de uma receita e quando dizem *gravando* a gente faz a



O Clone, com *Cristiana Oliveira*

cena. Só que ele faz muita coisa ao mesmo tempo, tem muita coisa na cabeça, é uma pessoa de imaginação fértil. Se canalizasse essa energia só pro trabalho de ator, ficaria infeliz, então, tem que escrever. Mas *O Clone* foi importante também por ter sido uma novela diferente, com três núcleos, três propostas, três temas a serem discutidos.

116

Costumo dizer que fui resgatar com *A Casa das Sete Mulheres* o que senti em *A Moreninha*, que é ver *in loco* o universo do personagem. Será que existiu mesmo essa *moreninha* do Joaquim Manuel de Macedo que vivia indo àquela pedra? Aí, você chega em Paquetá e vê aquela pedra, aquela brisa, aquele mar, aquela areia, você vê aquele caminho da casa da Moreninha para a pedra. Então, você estar no universo onde se passa a história é mágico, é 50% de ganho que você tem em termos de passar a verdade. Pra fazer *A Casa das Sete Mulheres* a gente foi pro Sul viver naquele descampado, naquele desfiladeiro, naquela cachoeira, fomos viver a vida daquelas mulheres do Sul que saíam nas carroças. E foi o que deu certo na realização do trabalho, o que foi de verdade ao ar.

É lógico que me dei conta da enorme importância desse meu trabalho, fui buscar o processo de trabalho, a criação, a técnica que usei ali pra interpretar. Isso tudo eu já conhecia, estava dentro

de mim desde meu primeiro trabalho. Foi essa minissérie que me deu, realmente, um momento novo na carreira, inclusive com o prêmio da APCA – Associação Paulista dos Críticos de Arte. Porque, até então, esses tantos trabalhos meus de sucesso na televisão brasileira nunca estiveram ligados a um reconhecimento de crítica, no sentido de premiações, muito embora os críticos sempre tenham sido carinhosos comigo. E, de repente, só agora a APCA descobriu que existe uma atriz com capacidade de trabalho. Sei que foi uma boa atuação minha na *Casa das Sete Mulheres*, gosto de ver o exercício de atriz que eu estava fazendo ali.

117

Admiro muito o Francisco Cuoco, com quem trabalhei em *América*. Acho que a gente se incentiva e quando o colega percebe esta abertura, esta generosidade com que você olhou, não, generosidade seria uma palavra muito comum, mas essa abertura de canal, você pensa: *Olha, aqui a gente não está pra brigar para ser um melhor do que o outro não, aqui a gente tem que trocar. A gente vai ganhar trocando.* Com o Cuoco o relacionamento é muito fácil, a gente se entende no olho. E tive muito prazer de colaborar com o resgate do prazer dele de representar de novo, ele vinha meio frustrado, meio ranzinza, meio reclamão. Então, no começo do trabalho, eu



América, com Francisco Cuoco e Marcello Novaes

disse: *Cuoco, vamos buscar aquele prazer que a gente tinha junto!*. E acho que em *América* deu resultado, a química de repente ficou no ar. Ele é uma figura maravilhosa, que merece respeito.

Gosto dos atores que surpreendem. Que estão como atores de humor, ou da linha cômica, e de repente surgem com um novo trabalho, gosto de atores que botam humanidade nos personagens. É o caso do Elias Gleizer, que uma vez me emocionou em *Sonho Meu*. Eu falei: *Gente, esse ator é de uma sensibilidade*. E, na verdade, você sorri de todos os personagens dele porque são engraçados. Têm um lado engraçado, mas, ao mesmo tempo, uma humanidade. Sou a primeira espectadora deles, porque, se bateu na minha veia, com certeza vai bater no público que está do outro lado.

119

Vou criando meus ídolos conforme vou trabalhando. E tenho ídolos jovens. Em *A Casa das Sete Mulheres* eu babava por Camila Morgado, que até então não conhecia, e por Samara Felippo, que é uma atriz tipicamente de televisão, uma jovem atriz que está crescendo na televisão. De repente, eu me via nela quando jovem, com aquela energia, a brejeirice.

Lélia Abramo, por exemplo – ela fazia minha mãe na novela *Uma Rosa com Amor* –, tinha

uma energia... Ela e o Felipe Carone tinham uma química. Eu a conhecia como representante da classe artística em São Paulo. Sempre foi uma militante, uma mulher que às vezes até esqueceu um pouco seu lado de atriz para militar, para lutar pela dignidade e respeito à nossa classe. Uma mulher que tinha uma história de vida muito sofrida, porque passou pela guerra. Mas, apesar da diferença de idade entre nós, de eu não ter sofrido ou vivenciado situações semelhantes, ela conseguia dialogar comigo, não se sentia inibida de conversar, de se colocar como pessoa pra mim. Isso eu acho que é uma qualidade minha, de trazer o lado humano da pessoa.

120

Se tenho uma frustração na vida, é o fato de nunca ter trabalhado com uma contemporânea minha, um grande nome da televisão brasileira, que é Regina Duarte. Tive a oportunidade de trabalhar com a sua filha, a Gabriela, mas com a Regina nunca trabalhei. Então, quando a encontro, tenho pudores, certa dificuldade de conversar socialmente com a Regina, é engraçado. Fico sem graça porque ainda não troquei com ela, na arena, a energia de atriz. A minha grande arma de contato imediato com o outro é o meu trabalho, esse canal que eu e a pessoa abrimos e aí a gente se conhece. E isso eu ainda não consegui com a Regina Duarte, existe um

distanciamento porque não houve oportunidade. Ainda vejo a Regina fazendo o trabalho dela e não como ser humano.

O Profeta veio de um convite do Roberto Talma, quando eu estava com mais umas férias para serem cumpridas. Eu tenho muita dificuldade de dizer não para trabalho, principalmente para novela, que gosto de fazer, sei fazer e ainda mais de época, uma coisa que me dá a oportunidade de voltar aos anos 50, que eu já tinha feito em *Anos Dourados* com guarda-roupa e maquiagem interessantes. Apesar de essa versão da novela da Ivani Ribeiro não ter sido muito similar à original que foi ao ar pela TV Tupi – na primeira versão, a Glauce, minha irmã, fez o papel que esta vez coube à Carol Castro fazer, de minha filha ambiciosa, ela conversava muito comigo sobre isso.

121

Havia ainda a oportunidade de trabalhar com gente jovem – nos meus últimos trabalhos, tenho tido a oportunidade de trabalhar com novas atrizes, essa nova geração da televisão –, então, além da Carol Castro, tinha a Fernanda Souza, que é uma grande atriz, tinha feito *Chiquititas*. São atores e atrizes que têm uma história paralela que a gente conhece, uma história particular de começo de carreira e, de repente, estando ao seu lado, você acompanha e passa a conhecer



O Profeta

melhor. Em *O Profeta* eu pude fazer mais um trabalho de criação, vamos dizer assim, porque o personagem não era protagônico dentro da história, mas tinha suas particularidades junto aos filhos. Era uma mulher dos anos 50, uma mulher ambiciosa, viúva, cabeleireira, ela tinha várias características boas para se desenvolver.

Sempre digo que meus trabalhos vêm em um momento especial não só profissional, mas que marcam a minha vida também. *O Profeta* não foi uma novela de grande sucesso em números, que é a informação que nós atores temos, mas claro que na rua a repercussão continua sempre sendo a mesma e, comigo, maravilhosa. Com uma semana de novela no ar, as pessoas se identificam logo comigo e já vêm falar do personagem, mas às vezes se ressentem um pouco do seu desenvolvimento. Já estou vacinada contra isso porque gosto é de participar da produção, gosto de colaborar. Hoje em dia, o processo de televisão está muito diferente, às vezes o enredo, o conteúdo da novela faz sucesso, agrada ao público, mas determinados personagens passam despercebidos, vão no rolo, ou até acontece o contrário, a novela não faz sucesso, mas seu personagem sim. Em *O Profeta*, como sempre digo, fui a protagonista da minha pequena historinha dentro da novela.



O Profeta – Lia confabulando com Dr. Clóvis, Dalton Vigh

Antes de *O Profeta*, quando eu estava exatamente entre uma novela e outra, visitei meus colegas que estavam gravando – faço sempre isso, mesmo quando não estou trabalhando –, quando encontrei um produtor do Faustão e conversamos sobre o quadro *A Dança dos Famosos*. Virei pra ele, então, e me ofereci, dizendo: *Escuta, vocês só pegam jovens, gente inteiraça pra participar? Porque eu gostaria de participar como representante da minha faixa etária pra mobilizar as pessoas, pela imagem que eu carrego como atriz, pra diversificar isso, tornar mais popular.*

E foi exatamente isso que aconteceu, um período em que meu nome se popularizou de tal maneira que, na rua, as pessoas gritavam, tinha uma torcida, ficaram surpreendidas por eu ter ido bem longe no concurso, eu saí quase nas últimas quatro participações. Acho que isso fez o público que sempre me acompanhou se identificar ainda mais comigo, pois, como eles sempre dizem, represento uma pessoa séria, normal, simples, eles se identificam com o caráter, com a pouca exposição da minha vida pessoal, a não ser quando essa exposição se dá em função do meu trabalho. E, de repente, ali era eu, Nívea Maria, com meus limites até mesmo de faixa etária. Porque dançar não é fácil. Então, foi um



Dança dos Famosos, no Domingão do Faustão, 2007, ao lado do dançarino Charles

exercício de disciplina, de carinho e de atenção – tive muita sorte porque meu parceiro, Charles, caiu sob medida para mim e fazia coreografias de acordo com meus limites, aquilo que eu podia. Ele teve uma sensibilidade muito grande ao fazer com que nós, como casal, ficássemos no mesmo diapasão, ele não aparecendo mais do que eu porque dança muito bem. Até hoje, cada vez que há uma nova versão da *Dança dos Famosos*, o Faustão me chama para participar ou como jurada ou como colaboradora para contar a minha experiência. Isso me fez lembrar uma época em que a gente fazia novela e, ao mesmo tempo, participava daqueles quadros do Silvio Santos, do próprio *Qual É a Música*, dessas disputas entre atores que eram muito divertidas e popularizavam os atores da minha geração. Hoje, a forma dos atores mais jovens de diversificarem a sua carreira é fazendo *shows*, desfiles. Minha geração participava ativamente das disputas, de brincadeiras dos programas, e o Faustão reviveu um pouco isso com *A Dança no Gelo*, *A Dança dos Famosos*, brincadeiras que trazem o artista mais para perto do seu público.

127

Marcos Paulo e o restante da direção de *Desejo Proibido* que fiz em 2007, tiveram muita sorte com a escolha do elenco. Com a dificuldade que a televisão tem hoje em dia de escalar atores,



Desejo Proibido, com o marido e prefeito Viriato Palhares, Lima Duarte

eles conseguiram um elenco de primeira numa novela de Walter Negrão, que tem a experiência de escrever, como ninguém, novela de época, novela rural, novela de interior. O convite para atuar ao lado de Lima Duarte foi muito importante. É como eu sempre digo: trabalhei com vários, ou quase todos, atores da televisão brasileira e não tinha tido a oportunidade ainda de trabalhar com o Lima Duarte, um ícone mesmo, um exemplo, um ator de quase 80 anos com uma energia, uma vitalidade, um prazer de viver e de trabalhar e um poeta. Eu precisei fazer muito pouco nessa novela do Negrão porque o Lima colocava na mesa todos os ingredientes da refeição, eu só tinha que escolher quais deles, dos mais gostosos, eu queria. Foi um trabalho de aprendizado porque o Lima não tem limites na sua criatividade e te coloca muito à vontade para você embarcar e mergulhar de cabeça. Era uma linha de humor, e a Magnólia era uma personagem mineira, que de repente eu consegui caracterizar com um sotaque que as pessoas até hoje elogiam e com um bordão: *Ataia, Viriato* – que eu usava quando ele começava a falar sobre qualquer tipo de assunto, porque, como bom falastrão, de tudo ele fazia um discurso, até para falar de um bom café. Então, a direção me permitiu usar o *Ataia, Viriato* e foi isso que marcou a Magnólia.

Meu papel foi crescendo muito na novela porque, de repente, num determinado momento, com a pintura, ela começava a ter vida própria, ainda que em função do marido. Ela deveria ter sido uma mulher que estudou e foi morar em uma cidade pequena, do interior. Então, ficou meio bloqueada sem ter onde usar tudo aquilo que tinha estudado. Tenho uma facilidade com sotaque, claro que desde *Gabriela* a gente tinha quem nos orientasse. Mas tenho um ouvido bom e, se tiver uma boa orientação, eu faço. Perguntam-me como é que eu conseguia fazer aquela primeira-dama, que mostrava como é que se comporta a mulher que está ao lado da outra que detém o poder, que era a única que fazia aquele político calar a boca. Perguntavam-me se ela era inspirada em alguém e eu respondia que não, achava que era uma mistura de todas as primeiras-damas de todo o mundo que têm que ter seus limites e dentro de casa conseguem enfrentar ou colaborar com as idéias do marido, mas na rua o aplaude e o coloca na frente sempre, ela se apaga ao lado dele. O Negrão consegue colocar a mistura do modernismo do comportamento humano numa novela de época, no interior, numa cidadezinha de mil habitantes, isso é muito engraçado porque de repente você tem uma menina interioranazinha que sonha em ser artista de Hollywood – nada mais moderno

hoje do que uma menina querer ser artista da Globo, de televisão.

É ótimo quando, mais velha e mais experiente, você tem a oportunidade de contracenar com um ator mais jovem que vem com uma carga, uma história diferente da sua. Às vezes eles ensinam muito pra você, você tira deles aquela energia que já teve um dia quando estava começando. No Caso da Grazi Massafera, que fazia minha filha, e é fruto de um programa muito popular como o BBB, as pessoas tinham muita curiosidade de saber como era trabalhar com ela. E eu de repente descobri nessa menina uma Nívea Maria quando estava começando, porque ela é uma menina muito inteligente, de raciocínio muito rápido, que é o que necessita a televisão hoje para ter bons resultados como ator, absorver muito rapidamente aquilo que o diretor pede pra fazer. Se você vem com uma idéia e ele muda, vem com outra coisa, você rapidamente tem que aceitar e se adaptar àquilo e a Grazi tem isso, além de ter os pés no chão, e isso é muito importante. Você olha para uma menina que tem tudo, que foi tocada pela sorte, pela beleza e pelo talento que vem demonstrando, e está sabendo como conduzir e se conduzir. Ela vai devagarzinho, não tem vontade de dar o passo maior que a perna, recebe aquilo que dão e tenta transformar em

um tesourinho e aquilo é um aprendizado. A gente vem se desencantando com algumas coisas dentro da televisão e quando você vê uma jovem como a Grazi trilhando esse caminho que é o mais difícil, não é só o do sucesso fácil, você passa a ter esperança. Ela tem um poder de concentração muito grande, acho que é disso que os atores precisam. Acho que isso vai dar a ela uma história de 45, 50 anos como a que eu tenho.

132

O que vejo é que antigamente a televisão utilizava a gente de uma forma melhor, oferecia condições para trabalhar bem. Hoje, a gente é que trabalha para que a televisão seja melhor. Antes, a tevê trabalhava pra você, te dava as armas. Hoje, você tem que buscar. A diversidade de direção de um produto faz com que o leque fique muito aberto, se você não souber canalizar para uma coisa só, o seu trabalho fica dispersivo em uma novela. Um diretor que te respeita permite que realmente você não mude o seu caminho. Acontece com o ator jovem, sem experiência, de ficar com um leque muito aberto e o público não conseguir captar o que ele quer fazer. Como todo jovem, a cabeça dele é muito aberta, a ansiedade é muito grande e ele não consegue canalizar o seu trabalho. Digo isso para quem está começando, iniciando mesmo.

Na verdade, eu sou uma pessoa muito sem-vergonha. Quando falo que tenho desencantos com a carreira e com o mercado de trabalho hoje, tem um lado nisso de verdade e outro de mentira, porque cada vez que eu sou convidada para trabalhar vou com o maior entusiasmo. A minha preocupação é exatamente essa, não ficar na mesmice. Uma das minhas maiores responsabilidades hoje é me mostrar o mais diferente que eu puder em cada trabalho para poder provar que a gente pode se renovar sim, que a gente não estaciona, pode e tem que se renovar. Talvez daí o fato de eu estar em trabalhos tão seguidos e conseguindo fazer cada um diferente do outro.

133

Acho que essa renovação toda minha veio de uma necessidade de não me repetir. Como tenho uma vasta carreira, com muitos trabalhos, minha maior preocupação é essa renovação, a necessidade de apresentar alguma coisa diferente. Mais do que obrigação, é uma necessidade.

Capítulo IV

A Vida se Mistura com a Arte

Costumo dizer que minha vida pessoal está muito misturada com a profissional, o momento pessoal influi no trabalho. Isso aconteceu com meus três casamentos, foram longas relações. O Renato Master, por exemplo, foi um ator que eu admirava pela persistência. Ele batalhou muito na carreira e nunca chegou a ter o sucesso que queria. Então, fazia dublagem. Era um homem empreendedor, digamos assim, dentro da carreira, isso eu admirava nele. Independente de ser mulher, eu o admirava como profissional.

135

Com o Edson, eu tinha ao meu lado um ator de uma vaidade muito grande e com uma visão distorcida do que era a nossa profissão. Ele achava que tinha que estar sempre no auge, não aceitava alguns papéis que lhe davam, tinha certo preconceito a respeito de determinados personagens, então, dificultou a sua carreira. Isso, apesar de ser um bom ator, um ator específico, uma figura muito interessante. Ele fez *Cavalo de Aço* na Globo e teve dois grandes trabalhos. Um em televisão, na novela *A Deusa Vencida*, como protagonista, ao lado de Glória Menezes e Tarcísio Meira. Outro em teatro, ao lado de Bibi Ferreira em *My Fair*

Lady. Mas ele achava que a carreira seria feita só desses sucessos, e desses grandes personagens, e desses grandes trabalhos, então, era muito revoltado, muito resistente como profissional, a gente batia de frente nesse sentido. Porque ele achava que eu facilitava a minha vida profissional, que eu não me impunha.

No meu terceiro casamento, com o Herval Rossano, aconteceu isso um pouco também, então, eu não discutia mais, eu queria era trabalhar. Não conseguia fazê-lo entender que o importante pra mim era o trabalho de criação de atriz que eu fazia. Claro que queria ser remunerada à altura da qualidade do meu trabalho, mas a minha preocupação não era essa. Digamos que essa foi a diferença, a grande diferença nos relacionamentos meus afetivos e pessoais com os maridos que tive.

Devo dar a impressão de uma falsa submissão – na fase do meu casamento com o Edson França, peguei papéis de mulher dócil, submissa, romântica, eu era heroína, a apagada. Mas não sou ingênua e, se passei essa imagem, isso não me perturbava, não me incomodava. Porque eu sabia me impor, sei me impor até hoje, mas apenas me imponho quando tenho muita certeza. E como é que eu tenho a certeza? Penso muito, elaboro muito, me aprofundo na postura que vou tomar, na resposta que vou dar ao convite

que me foi feito a respeito de determinado trabalho. Analiso muito e, quando digo sim ou não, não é com docilidade, mas com educação, com firmeza. E, sabendo o que estou dizendo, passo a convencer o outro. Tanto que a TV Globo, com quem tenho contrato de exclusividade que renovo a cada ano, é uma empresa que me respeita como profissional porque quando tenho reservas sobre alguma proposta de trabalho, eles entendem e dizem: *Você tem toda razão*. Porque discuto com elementos e argumentos. Por exemplo, já recusei uma ou duas vezes os personagens que me deram, mas era tão óbvio que eles não puderam nem dizer não. Ou era problema de idade: *- olha, eu não tenho mais idade pra fazer isso*. Ou, então, eu tinha acabado de fazer alguma coisa parecida.

Em *Dona Xepa*, por exemplo, fui buscar, batallar. Fui à casa do Gilberto Braga propor fazer a vilã Rosália. Mas antes passei pelo Herval Rossano que era o diretor, independente de ser meu marido, e disse a ele que não gostaria de fazer a protagonista ou a heroína da novela, mas sim a antagonista que é a filha da Xepa, uma mulher ambiciosa, a vilã da história. Ele me ouviu e levou essa sugestão ao Gilberto Braga, que foi queridíssimo comigo, entendeu perfeitamente, deve ter ido até contra a direção artística da pró-



Dona Xepa, com Rubens de Falco

pria TV Globo para me dar o papel porque, pela emissora, era muito mais cômodo ter-me como a heroína. Acredito que eu já havia conquistado ali um respeito pela minha postura, eles sabiam o que eu estava fazendo.

Rosália foi o meu primeiro personagem em que havia sexo. Então, havia ali uma conquista pessoal minha. Porque eu era meio assexuada, as mulheres que eu tinha feito eram meio assexuadas, ninguém guardava essas imagens minhas nas paredes, nem tinha sonhos eróticos com elas. É claro que, hoje em dia, dentro da televisão, há diretores que acompanharam toda essa trajetória e sabem que sou uma profissional que não tem medo, então, sei que vou ter trabalho sempre. Em cada lugar, em cada empresa, tem alguém que conhece alguma coisa da minha trajetória.

139

A Yara Cortes, a Dona Xepa, era minha mãe na novela e nós duas tivemos um problema muito engraçado, porque as pessoas cismaram que o Herval não gostava da Yara, era uma coisa bem de bastidor. Diziam que o Herval estava me protegendo, não sei de onde saiu isso, e como não se esclareceu de imediato, aquilo ficou no ar e a Yara Cortes, então, me olhava feio, ela que era uma gracinha, um amor de pessoa. Houve certo período de estranhamento nos estúdios, ficou difícil de fazer as cenas, mas ao mesmo tempo isso

me ajudou porque a Rosália ignorava a Xepa, ela tinha vergonha daquela mãe. Até um dia que eu virei e falei: *Que está acontecendo, Yara?*

Fofocas são coisas que fazem parte de qualquer ambiente. Aconteceu também em *América*, a gente tem que ter tranqüilidade para ultrapassar esses momentos tumultuados. Fiquei triste com a saída do Jayme Monjardim porque gosto muito dele, tenho mais intimidade e afinidade com ele do que com a Glória Perez. Embora tenha uma grande admiração por ela, acho que é uma mulher de coragem, de ousadia e que corre riscos mesmo, como nessa postura que resultou no afastamento do Jayme. Mas a gente tem que respeitar uma pessoa que se arrisca. Ela poderia ter desistido ou patinhado com o que aconteceu, mas, com a saída do Jayme, retomou a força. Então, o que vale é a novela que ela está escrevendo e não a maneira como ela vai ser contada. Porque tem essas duas coisas: o autor escrevendo e o diretor decidindo a maneira como vai contar a história. Acho que a qualidade e o defeito da Glória é exatamente esse, estar com o ouvido aberto. Se eu sentar do lado dela e disser pra ela fazer o meu personagem comer lama, ela faz, pega e põe a cena, só que aquilo não vai ter continuidade, perde a objetividade. O mais importante para mim era fazer o melhor possível a minha Mazé em respeito, em



América

homenagem ao Jayme, que me ajudou a criar a personagem, e em respeito e colaboração com a Glória, que tinha de escrever mais 100 ou 150 capítulos da história.

Não me desligo, mas consigo administrar muito bem problemas de bastidores porque, em 20 anos com o Herval, profissionalmente, também houve vários problemas, mesmo quando eu não estava envolvida neles. Ele sempre foi um diretor muito polêmico, amado ao extremo ou odiado histericamente. E por causa disso tinha problemas nas suas produções, com os seus elencos, com seus autores, com a própria direção da casa. Era uma pessoa agitadíssima e de atitudes geralmente difíceis de entender. Mas aprendi a lidar com isso e a ficar de fora. A gente conseguia separar bem essas coisas, apesar de às vezes eu não concordar. Eu conseguia separar e administrar bem, sempre tendo a preocupação de não me envolver, não ser envolvida e que as pessoas não confundissem as coisas. Nós nos respeitávamos como pessoas e como profissionais e não tentávamos entrar na individualidade, no temperamento do outro. Tanto que Herval e eu tínhamos dentro da carreira, e com os colegas, alguns amigos em comum e outros não. Com alguns amigos dele não tenho tanto entrosamento, mas socialmente os trato bem.

Enquanto eu fazia a Rosália em *Dona Xepa*, na vida real também era o meu momento de mulher sedutora. Estava casando com o Herval, me sentia uma mulher desejada. Mas não que eu usasse isso ou pensasse nisso no meu trabalho. Eu, inclusive, já havia recebido convites para posar nua, por causa dessa coisa de ingenuidade, mas nunca tive essa intenção. Estava em *A Moreninha* quando me fizeram o convite, mas achava um absurdo a Moreninha posar nua. Cheguei a fazer umas fotos mais sensuais, com caras e bocas, de biquininho e camisa amarrada para a revista *Fatos e Fotos*, mas quando foram publicadas eu disse: *Não sou eu. Não adianta, essa boca não é minha, esse olhar não é meu. Não é essa a minha canoa.*

Nos corredores da emissora, nos bastidores do trabalho, sou uma pessoa mais calorosa e mais generosa. Eu me entrego mesmo e sou capaz de fazer uma sessão de terapia com os meus colegas para contar minhas verdades todas. Mas quando os trabalhos terminam, não há uma continuidade nessas amizades. Eu espero encontrar esses amigos de novo, sofro com esse corte, mas não cultivo essas amizades. Sei que a vida é assim mesmo, vocês vão se encontrar em outro trabalho. Tenho um prazer, uma felicidade enorme quando reencontro um colega. Se encontro Laura Cardoso no



A Moreninha

aeroporto, quero me ajoelhar no chão porque ela me trata da mesma maneira. É uma pessoa de talento, uma referência minha como atriz, uma mulher que tem uma história e até hoje atua na televisão, é produtiva e respeitada. É moderna e traz novidade a cada trabalho. Quero fazer esse caminho. Porque me considero, sem falsa vaidade, uma atriz com potencial e capacidade de ser usada em qualquer tipo de trabalho.

Acredito que, de alguma forma, a gente é preparado pra viver por alguma coisa superior. Quando digo que vou humanizar meus trabalhos, é porque não vivo nem nunca me permiti viver numa redoma, apesar de tentarem desde pequena me encherem de elogios: *É a mais bonitinha, engraçadinha, é a melhor aluna, não sei o quê...*

145

Adoro ouvir e ser ouvida, às vezes até falo muito mais do que ouço, mas entendo que é por uma carência. Queira ou não, tenho estado muito só, não tinha percebido isso ainda. Minha vida social, que já era pequena em função do trabalho, ficou ainda mais reduzida com a doença do Herval, ele não tinha muitos amigos.

Tenho um lado muito controlador, embora não seja insistente em algumas coisas – se não consigo logo, desisto. Mas essa atitude às vezes me faz perder oportunidades, pode parecer teimosia,

tem um lado de criança aí. Acho que quando trabalho, é minha criança que aflora. Quando estou em casa, domina a ordem, a disciplina o horário – eu era muito rígida com meus filhos. De repente, me dei conta que com meus horários loucos não podia fazer isso. Sei que é um problema de educação, minha mãe era assim, minha avó era assim. Desde pequena, eu arrumava meu quarto, minha cama. Quando morávamos no Pacaembu, eu e minha irmã dormíamos no *hall*, nos sofás. Então, aquilo ficava uma sala, estava sempre arrumado. Sempre gostei disso, até pra arrumar minha cabeça, meu universo.

Capítulo V

A Parceria com Diretores

As novelas são também o resultado do relacionamento do elenco com o diretor, com a sua personalidade. Não digo apenas com o talento não, mas com a personalidade do diretor! Um bom diretor sabe conduzir o ator em qualquer personagem. Pode despertar e até realçar o talento de alguém. Cada um dos diretores que tive me ajudou no meu conhecimento como atriz, sou privilegiada graças a eles.

Tive o meu primeiro diretor, chamado Dionísio Azevedo, na novela *A Moça Que Veio de Longe*, que fiz na TV Excelsior em 1964, quando estava com 17 anos. O Dionísio era um diretor que parecia um maestro, um homem grandão, com seus cabelos brancos enlouquecidos e uma volúpia de dizer o que queria, ele vinha correndo por aqueles estúdios e amedrontava, claro. Foi ele que conseguiu, depois do meu avô, me dar consciência daquilo que eu estava interpretando.

Meu segundo diretor foi Walter Avancini. Com ele, nos idos de 1965, aprendi a me entender com a tecnologia da televisão, a ter essa percepção da técnica também, porque ele era não apenas um diretor de ator, mas também um diretor técnico.

Se você fosse um profissional atento ao seu trabalho, aprendia com ele. Quando ele te marcava, você sabia por que razão você estava ali, porque havia aquela luz, o porquê daquela câmera. Então, ele nos falava qual lente da câmera estava nos pegando, se era um *close*, um plano médio, um geral, se havia *zoom*, porque na época as câmeras eram diferentes das digitais de hoje, eram quatro lentes e você sentia o barulho da troca das lentes. O Avancini me dirigiu na Excelsior, nas novelas *Melodia Fatal* e *A Indomável*, esta de Ivani Ribeiro, uma adaptação de *A Megera Domada*.

148

Quando fui fazer essa novela, a única referência que tinha do Avancini era de que ele havia sido ator na TV Paulista e era considerado uma figura polêmica, um diretor de uma rigidez aparente, com umas histórias de vida que são mais mito do que verdade – ele tinha vivido um episódio polêmico, escandaloso para a época, de namoro com uma jovem atriz da emissora. Ou seja: era considerado um conquistador, um homem perigoso para as jovens da época. Na Excelsior, Avancini começava a assinar as primeiras obras da televisão. Ele estava criando o hábito da novela brasileira e conseguiu se impor como diretor no *set*, tanto que eu imediatamente esqueci desses fatos da sua vida a partir do momento em que fui dirigida por ele como atriz.

Avancini sempre me tratou bem, mas mantendo distanciamento dos atores jovens – era o professor, o mestre, fazia valer a hierarquia que era bem marcada. Os atores mais velhos tinham mais facilidade de se aproximar dele. A mim ensinou uma disciplina de horário, de decorar, de ouvir o outro ator e o que o outro personagem está dizendo para o seu, porque você não atua sozinha, você trabalha em equipe. Quando você vê uma obra do Avancini, identifica que é dele, esse exercício do olho no olho era uma característica do Avancini e dos seus atores. Mas ele instigava o ator e amedrontava também, porque fazia você se perguntar se era capaz mesmo, se estava na carreira certa, se tinha escolhido o que era certo e bom pra você e o que você sabia fazer.

149

Quando fiz *A Indomável*, ele colocou em mim que eu era uma menininha mimada de classe média querendo ser atriz, que não sabia nada, que não tinha feito escola de teatro, era isso que estava gravado em mim e isso tinha me magoado, machucado muito e me deixado insegura. Então, quando o reencontrei na TV Globo, anos depois, para fazer *O Semideus*, eu iria recomençar minha história com Walter Avancini, mas em novas bases. Já tinha feito duas novelas na emissora e, se ele tinha me chamado pra fazer um trabalho, era sinal de que me respeitava, pois



O Semideus

não trabalhava com ator que achasse que não podia tirar alguma coisa.

Eu fazia um personagem complexo, o primeiro personagem desse nível que me caiu nas mãos foi a Soninha, apaixonada pelo Alexandre, feito pelo Francisco Cuoco. Era outra provocação do Avancini como diretor, que me disse: *Vamos ver como está essa menina e se amadureceu como atriz...* Esse personagem era uma mitômana, que seria o personagem da Christiane Torloni em *América*, mas uma mitômana no sentido de que vivia no mundo da fantasia e criava as fantasias. Não que ela mentisse verbalmente, mas criava as suas fantasias.

Conversando com Marcello Novaes, que fez meu filho em *América*, falávamos de como Walter Avancini foi um professor de interpretação, de dar tempos para o ator, maneiras de olhar, fórmulas de fazer a cena, que a gente acaba usando em qualquer trabalho. Marcello Novaes fez a última novela que o Avancini dirigiu, *A Padroeira*, e busca em seus trabalhos as coisas que ele havia ensinado. Faço isso também, o que a gente chama de intensidade e densidade. Já ouvi de vários diretores mais jovens e mais modernos que sou uma atriz que dá uma densidade e um peso nos trabalhos, que às vezes não se encaixa muito na modernidade e na atualidade de interpretação que existe hoje. Mas acho que



América, com Francisco Cuoco e Marcello Novaes

eu posso fazer também isso, embora não ache realmente prazeroso.

Depois do Avancini, vim a ser dirigida por Henrique Martins, que era também um grande ator, em *O Preço de uma Vida*, na Tupi. Ele tinha um humor que a gente hoje chama de sacana, chamava as atrizes boazudas de potrancas. Comigo, o tratamento era diferente porque eu era menina, várias vezes ia trabalhar com o uniforme do Colégio Dante Alighieri, então, eles eram meio como pais.

Em *O Primeiro Amor*, fui dirigida pelo Régis Cardoso e, em *Uma Rosa com Amor*, pelo Walter Campos. A diferença entre eles é que o Waltinho Campos era muito mais próximo dos atores, era uma pessoa muito mais aberta e não deixava de viver a vida pessoal e seus dramas pessoais com o trabalho. O Régis Cardoso tinha uma figura de diretor, um crachá, digamos assim, escrito: *Eu sou o diretor!* Essas características se refletem no resultado dos trabalhos. Quando há uma integração diretor e ator, ou seja, o diretor conversa com o ator fatos do seu cotidiano, independente do trabalho profissional, isso vai gerar um resultado melhor na novela, com certeza.

Daniel Filho me mostrou o lado hollywoodiano da televisão. Porque para Daniel é sempre com se existisse uma lente maior e ele passa isso pro



O Primeiro Amor, com Sérgio Cardoso, Rosamaria Murtinho e Paulo José



Uma Rosa com Amor, com Lélia Abramo e Felipe Carone

elenco, como megatrabalho. Mas é um grande diretor também, muito competente, que tem sensibilidade com o ator.

Trabalhei com os grandes profissionais da televisão brasileira e considero o Herval Rossano um grande diretor de televisão, um especialista da imagem. Ele sempre foi muito cuidadoso, sempre teve muito bom gosto naquilo que mostrava nas novelas, sempre foi muito romântico, na verdade. Apesar de ser uma pessoa muito rígida, estourada, ele tinha um lado e uma visão romântica das coisas e transmitia isso em seus trabalhos. Era um diretor que sabia dizer o que queria, tinha facilidade de se comunicar com o ator ou então deixava o ator à vontade pra fazer. Era uma pessoa que não criticava, apesar de ser exigente com a qualidade do trabalho.

155

Acho que até um determinado momento rendi muito sendo dirigida por ele. Fomos úteis um para o outro. Até o momento em que comecei a achar que estava me repetindo nos meus trabalhos, nas criações dos meus personagens, porque as características começaram a ser as mesmas: as heroínas românticas, frágeis, sonhadoras, com poucos ímpetos, com a mesma postura, porque eram novelas de época. Tanto que quando o Herval foi pra Manchete e me chamou pra fazer uma participação em *Dona Beija*, foi o primeiro

momento, digamos assim, que dei um corte na ligação profissional que nós tínhamos. *Não – eu disse –, vou batalhar a minha carreira de outra maneira, o que você está me oferecendo é parecido com o que já fiz.* Mesmo assim, quando ele me chamou pra fazer *Mania de Querer*, ainda na Manchete, não era minha vontade, mas como eu já tinha recusado anteriormente, cedi, resolvi temporizar um pouco. Foi bom porque, além do personagem ser legal, representou também a experiência de conhecer uma emissora nova e dar uma força à Manchete, que estava começando.

156

Herval Rossano colocava uma assinatura em seu trabalho, ou seja, tinha a característica de diretor e produtor, gerenciando tudo. Sempre teve a capacidade de administrar tudo: a produção, a parte financeira do produto que ele estava fazendo, o elenco, a direção, a área técnica. Era praticamente uma administração, fruto da experiência que teve com a escola da televisão chilena. Tanto que se deu muito bem no México. Ele pegava um orçamento e fazia o trabalho, o que se repetiu na Record também. Ele estabelecia as coisas, tinha essa capacidade e estava sempre rodeado de profissionais sérios. Cuidava para que o resultado de um trabalho assinado por ele fosse uma coisa boa, de qualidade. Era temperamental, dirigia o ator, tinha humor, mas fazia o personagem pra você,

interpretava pra você até exageradamente e você captava. Além disso, tinha muita sensibilidade e o resultado eram imagens de muito bom gosto. E ele era um esteta da imagem panorâmica e das figuras dos atores, sabia como fazer um quadro com os atores, as paisagens, os cenários, as cores, a luz. Então, é como uma obra de arte de um pintor. Além disso, valorizava o profissional com quem trabalhava e era um dos poucos diretores que dava oportunidade a artistas quase sem experiência em televisão; eles cresciam com ele. Essa era uma qualidade sua que admirava muito e respeitava.

Com o Herval, caminhamos em paralelo para conquistar uma posição, até mesmo quando comecei a sentir que estava me repetindo e me tornando uma atriz muito técnica, fazendo as coisas, como se diz, com os pés nas costas. Ele não percebeu isso, porque tinha muita confiança em mim como atriz e como profissional, mas se tivesse me dado um toque, que é o que eu gosto, eu teria rendido mais. No nosso caso, a solução foi eu me separar dele profissionalmente, começar a trabalhar com outros diretores, procurar novas orientações.

Nunca tive privilégios por trabalhar com ele, em absoluto, aliás, chegamos até a bater de frente algumas vezes – em reivindicações de atores e atrizes, sempre estive ao lado dos meus colegas

e contra um diretor. Aconteceu isso em *A Moreninha*, quando lutamos por melhores condições de trabalho, mas ele imediatamente me deu liberdade para que eu conquistasse respeito, dizendo que eu era uma profissional. Acredito que o grande respeito que conquistei na carreira, por parte das emissoras com as quais trabalhei, foi não ser privilegiada em nada.

158

Hoje posso dizer que o Jayme Monjardim também tem uma assinatura quando dirige. A primeira novela que fiz dele foi *O Clone*, quando percebi que ele tem na cabeça a história, o produto que ele quer, e narra essa história com estilo, com a sua marca. Acho que tivemos em *América* um confronto de estilos do Jayme dirigindo e da Glória Perez escrevendo. Ele é muito lírico, romântico, visionário e também um esteta. Gosta da sensibilidade dos personagens e privilegia e enfatiza essa sensibilidade, mesmo que os personagens sejam duros ou rígidos. *A Casa das Sete Mulheres* é uma prova disso, a Maria era uma personagem dura, mas humana, de verdade, com emoção. A obra do Jayme é muito agradável e ele é delicado no trato com você como atriz e no que você resulta, no que você faz. Ele assiste, dá dicas, tem a capacidade de resumir aquilo que quer com uma única palavra, então, é de fácil compreensão, o que é o grande mérito de um diretor.



O Clone



A Casa das Sete Mulheres

Capítulo VI

Crescendo com as Crises

Quando não dá para segurar, acabo explodindo. Mas tenho muito medo das minhas explosões, apesar de elas serem conscientes, minha cabeça é dividida entre o racional e o emocional. Mas é uma descompensação física tão grande que parece que vou sucumbir. As vezes em que me lembro de ter explodido foram quando pensei não estar sendo ouvida e compreendida, situações de desrespeito. Mas aprendi também que as pessoas às vezes não querem te ouvir. Então, é uma perda de tempo eu me descompensar, quase desmaiar. Com o Herval, minhas explosões eram mais relacionadas aos seus filhos. Como nosso relacionamento foi longo, eles tinham ciúme e havia certa disputa entre nós. Enfim, aquelas coisas de pai com filho e que a maioria das famílias que vêm de outros casamentos vive.

161

Fiz análise durante 11 anos. Comecei exatamente quando voltei do Chile, no momento em que houve em mim uma nova postura como pessoa, como cidadã, como atriz, como mulher, quando comecei a me preocupar mais comigo. Minha geração fazia análise e eu nunca tinha feito, até que tive problemas com meu filho Edson, de envolvimento

com drogas, e foi por causa desse meu sofrimento, e para entender melhor o meu casamento com o Herval, que resolvi procurar um analista. Não sabia que aquilo podia me ajudar tanto. Dei-me alta quando percebi meu analista na platéia da peça *A Partilha*. No coquetel que se seguiu, ele veio para mim e disse: *Viu como você consegue?* Respondi: *Estou me dando alta, tchau!*

162 Outro dia eu estava conversando com uma pessoa que costuma dizer que de sete em sete anos acontece um abalo, uma mudança na vida da gente. Ainda não coloquei em datas, mas acho que aconteceram comigo essas guinadas de vida. Saí do primeiro casamento, casei com o Edson França, tive filhos, saí de São Paulo e vim para o Rio, acho que a única coisa que não se modificou em mim foi o meu lado de atriz, o que eu quero como atriz, o que eu me proponho como atriz.

Um desses momentos difíceis vivi quando estava na *Casa das Sete Mulheres*, porque estava fragilizada, sofrida. E com um personagem amargo, duro, mal consigo mesmo e com os outros. No entanto, foi o período em que eu mais sorri, quando eu, mais leve, saía do estúdio. Tive a sorte de estar com uma equipe ótima, com um diretor como o Jayme Monjardim e um elenco que de repente me acolheu e adotei, isso me repôs afetivamente. Porque eu estava vazia, esvaziada de tudo, mas

ria muito, foi o período que mais ri na minha vida, que mais humor tive, que mais brincava, quando ao lado estava uma coisa triste. Chorar naquele momento não era uma coisa de infelicidade. Era um chorar de lavar, de limpar!

Em *A Casa das Sete Mulheres*, eu estava brincando, estava rindo e quando alguém dizia *gravando* aquela mulher dura saía, vinha aquela expressão enrijecida, aquele olhar frio, aquela maldade, é muito doido. E eu tinha um prazer quase orgástico de fazer. É uma coisa impressionante. Assim como eu tive com a Mazé em *América*. Isso significa o quê? Que também, como pessoa, como mulher, como criatura humana, estou muito mais próxima desses personagens de verdade do que dos que usam artifícios.

163

Por exemplo, pra fazer uma mulher rica, como fiz em *Celebridade*, havia uma inibição maior, eu não me sentia à vontade. Me dava um trabalho fazer aquilo, ter essa sofisticação, apesar de que a Corina ficou interessante a partir do momento que dei um peso à personagem, que não a fiz somente sofisticada e glamourosa, uma mulher de sociedade... Sei que sou uma pessoa mais para o chique, mais para o formal do que pro largado, mas senti muito prazer em fazer a Mazé. Quando as pessoas vinham arrumar meu cabelo, eu dizia: *Gente, não arruma! Essa mulher está no vento,*



A Casa das Sete Mulheres, com Camila Morgado, Bete Mendes, Daniela Escobar, Eliane Gardini, Samara Felippo e Mariana Ximenes



América



Celebridade

está com o pé na lama, suada, engordurada, está lavando roupa! Não sei se dou uma supervalorizada na importância do meu trabalho, no sentido de que estou representando a maioria das mulheres deste país. Mas é que vejo que tem muito mais Mazé por aí do que Corina, é muito mais Mazé que vê televisão do que Corina, nesse papel me sinto mais à vontade.

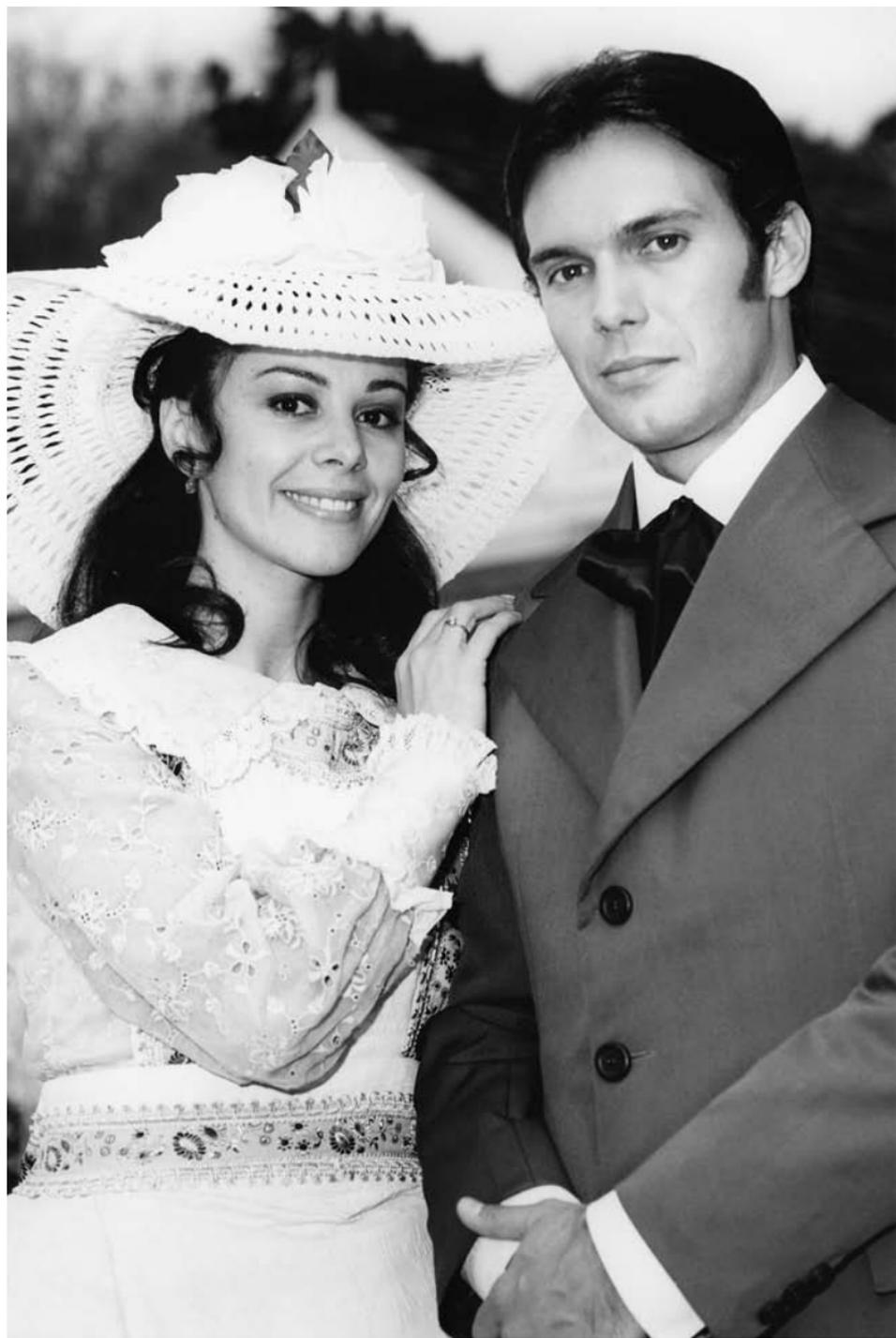
Em *Anos Dourados*, eu estava vivendo um momento de sofrimento grande porque tinha perdido minha mãe com 65 anos. Foi um abalo pessoal, eu estava em depressão por causa dessa perda. E fazia, em *Anos Dourados*, a mãe dos anos 50. Foi a primeira perda que eu estava realizando na minha vida, de repente eu não queria trabalhar mais. A minha maior incentivadora não estava mais lá. Lembro de ir ao hospital e ela me dizer: *Não vou ver mais suas novelas*. Isso me marcou demais, eu pensava: *Quem é que vai me incentivar?* Nessa época, o Herval estava na Manchete; eu um pouco afastada tentando resgatar alguma coisa e de repente houve essa mexida.

Mas é aí que volto a dizer da importância dos diretores na minha vida. O estímulo que eles me dão, a maneira com que me mobilizam para eu fazer o meu trabalho é muito importante, me ajuda muito no resultado. O Roberto Talma, que ia dirigir *Anos Dourados*, virou pra mim e disse:

Olha, a coisa mais importante pra você neste momento vai ser fazer esse personagem. Gilberto Braga mandou dizer que se não for você ele não quer ninguém. É claro que não era verdade, mas mexeu com os meus brios e resolvi fazer a Beatriz. Lembro da primeira cena, aquele baile dos anos dourados, uma reconstrução de época linda, a Malu Mader (Lurdinha) dançando a valsa e o meu marido, Dorneles (José de Abreu), não está no baile porque estava com a amante, Glória (Betty Faria). Até hoje, vejo minha mãe naquela cena, estou com um cabelinho de época como o dela. Aquela cena foi tão importante que na madrugada em que gravei resolvi fazer aquele trabalho em homenagem à minha mãe.



Anos Dourados



A Moreninha, com Mario Cardoso

Capítulo VII

Uma História Pessoal

Conheci Herval Rossano quando ele batalhava o horário das 6, ou seja, a TV Globo tentava conquistar um novo horário para a dramaturgia. Ele me contatou para fazer *A Moreninha*, em 75. A primeira opção era a Sônia Braga, mas ele me viu em *Gabriela* e me chamou.

Nós tivemos, desde o primeiro momento, uma relação engraçada, de muito humor. Ele sempre foi um homem charmoso, sedutor. Eu, inclusive, brincava dizendo que nove entre dez atrizes da TV Globo se apaixonavam por Herval Rossano. Eu mesma disse isso a ele nos primeiros encontros e ele morria de rir. Fizemos *A Moreninha* num relacionamento de diretor e atriz sempre muito respeitoso, ele sempre teve respeito por mim e eu por ele na hierarquia.

Eu me encontrava num processo de separação do Edson França e nem buscava nem pensava em relacionamento afetivo. Mas ele foi insistente e bem convincente naquilo que queria e me encantou. De repente, me apresentou um ritmo de vida, um comportamento, uma visão de vida muito diferente da minha, digamos, uma vida que eu sempre aceitei, sempre lidei legal, mas era

um pouco medrosa de embarcar, de mergulhar, e isso não só em termos de relação afetiva, mas também de ousadias. Então, eu me escondia das pessoas e ia me encontrar com ele num motel – pela primeira vez fui a um motel. Estive próxima das drogas e de pessoas que as usavam, sempre percebendo o seu lado negativo, enfatizado por ele, que se afastou delas logo no primeiro momento. Eram coisas novas pra mim, ousadas, corajosas e muito interessantes, porque até então eu era só mãezinha, dona de casa e atriz, uma mulher que trabalhava, e agora havia o *glamour*. Tudo isso foi ele que me apresentou de novo e foi muito encantador, muito sedutor, muito bom e mexeu com a minha libido e o meu potencial de mulher, me fez sentir uma mulher exuberante, capaz, interessante, e não só uma menininha comum como eu achava que era. E foi muito bom durante muitos anos, ele me incentivava.

Além disso, eu estava protagonizando uma heroína de novela, numa das primeiras novelas em cores, com produções diferentes, feitas em locação, o que era raro na TV Globo – em *A Moreninha*, fomos todos gravar na Ilha de Paquetá. A única coisa difícil pra mim como atriz era porque, pelo fato de ele ter certo poder, estar atrás de uma mesa, ser um diretor, as pessoas se inibiam de se aproximar de mim, chegavam

com certa cerimônia. E, dentro da TV Globo, tive que me impor pra não ser mais uma atriz que estava tendo um romance com um diretor. Então, a gente se casou.

Como pessoa eu estava à sombra do Herval, como personalidade, digamos assim, meu cartão de visita sempre foi o meu trabalho. Entre nós, só não concordávamos muito com determinadas ilusões ou certas posturas. Eu era mais diplomática do que ele para lidar com determinados assuntos, então, a gente batia de frente em algumas situações. Enquanto casada com ele e fazendo vários trabalhos juntos, não tive a preocupação de parar ou travar o meu trabalho ou de não ser respeitada profissionalmente por ser a atriz que trabalha com o marido, com o Herval Rossano.

173

Em determinado momento, dei uma pausa na minha carreira. Foi uma opção minha esse hiato, mas não por falta de oportunidade de trabalho. O Herval foi convidado para trabalhar no Chile e era uma oportunidade irrecusável de implantar o *know-how* brasileiro na televisão chilena. Resolvi acompanhá-lo porque acreditei que seria importante também para mim essa pausa, mas continuei vinculada à TV Globo, não desfiz meu contrato porque seriam apenas dois anos fora e eu poderia voltar para algum trabalho que me chamassem.

Na época, nossa filha Vanessa já estava com uns 4 anos e fomos todos, meus três filhos foram comigo. Foi uma bela oportunidade de estreitarmos nossos laços familiares. O Edson sofreu um pouco no colégio, mas os três aprenderam idiomas, a Vanessa, inclusive, foi alfabetizada em espanhol. Edson era adolescente, se dava bem com o Herval, que tinha os seus três filhos morando no Chile, um pouquinho mais velhos, então, eles se juntavam, eram companheiros, iam à escola. Enfim, foi uma conquista, e muito positiva a viagem. Como éramos estrangeiros lá, nos unimos muito, podíamos fazer as refeições todos juntos, coisa que era rara aqui no Brasil, onde os relacionamentos acabam ficando defasados por causa dos programas de cada um.

Os chilenos tinham um grande respeito por nós brasileiros, pois conheciam nossos trabalhos na televisão. Aproveitei aquele período para estudar, eu que sou autodidata, nunca fiz escola de teatro. Tive aulas de dicção, de línguas, convivi com outras pessoas, outra cultura, os chilenos são muito politizados. Integrei-me naquela sociedade e uma das minhas primeiras providências foi me matricular num curso em que estudavam mulheres casadas, com filhos, e que discutiam seus problemas.

Nesse período, 1983, como já era conhecida por causa das novelas, trabalhei na TV chilena sem

qualquer influência do Herval. O fascinante dessa experiência – a novela *El Juego de la Vida* – foi a possibilidade de trabalhar com recursos técnicos muito avançados, como um sistema de iluminação computadorizado. Os atores lá já usavam outra forma de atuação, pois estavam mais acostumados a fazer teatro do que televisão. O maior desafio era lidar com um público em outro idioma e transmitir a mensagem do meu personagem.

Voltei para a Globo convidada para *Anos Dourados*. Meu personagem era de uma beleza, de uma sensibilidade muito grande, com um sofrimento não-explicito. Aquela mulher chiquérrima tinha uma postura igual à de todas as mulheres que sofriam ou no casamento, ou por insatisfação, ou por não terem se realizado. A isso tudo se juntava um certo sofrimento, uma insegurança que eu vivia da morte da minha mãe e de uma ruptura profissional com o Herval. Ele sentiu isso, houve um abalo, mas também uma conquista de um respeito maior entre nós. A partir daí, só voltei a trabalhar com ele num episódio do seriado *A Justiceira*, em que ele participou como ator, em 1997, e em seguida no programa *Você Decide*, em 1998, que ele dirigiu.

O Herval voltou para a Globo nessa ocasião, mas havia mudado muita coisa na emissora e começou uma fase menos produtiva e mais difícil para ele. Eu detectei essas mudanças antes e fui me amol-



A Justiceira, série com Anselmo Vasconcelos e Malu Mader

dando e me acomodando às novas condições do mercado de trabalho. Foi quando nosso relacionamento pessoal e profissional começou a ficar mais difícil também, não ruim, mas distante. Éramos, de repente, duas pessoas sem os mesmos objetivos ou com objetivos diferentes, acho que cada um cresceu à sua maneira. Até o momento da doença dele – um acidente cardiovascular grave, em 2001, quatro horas depois da cirurgia para implantação de uma ponte de safena – que o deixou impossibilitado de trabalhar por um ano. Isso representou um abalo muito grande para ele, a gente não esperava que se recuperasse. Ele, então, ficou de mal com a vida e nesse de mal com a vida me incluiu.

177

Herval sempre foi um homem de uma enorme vitalidade e capacidade de trabalho, de trabalhar 48 horas sem dormir. Tinha muita energia, estava sempre disposto, sempre alerta pras coisas, com uma memória fantástica, lembrava exatamente em que parte de uma fita estava uma cena. Acho que, com a doença, ele se perguntou: *Como ousa esse universo conspirar contra mim?* A revolta foi inconsciente primeiro e depois causada pelos remédios que tiravam sua concentração e memória recentes, principalmente. A pessoa que sofre um problema desses, tanto homem quanto mulher, fica com uma expressão diferente no olhar. Ele ficou seis meses no hospital – quatro na UTI -, mais

dois meses num quarto semi-UTI; depois, um ano em casa acompanhado com enfermeira, sem poder andar. Foi uma grande alegria quando o tirei do hospital e preparei a casa para recebê-lo.

178 Eu sempre soube que essa casa representava uma das grandes conquistas materiais do Herval e, por isso, não estranhei quando ele me deu alguns dias para sair dali, procurar um canto para morar. Ele sempre foi muito materialista e muito ambicioso, talvez por ter tido uma infância pobre, começou muito cedo a trabalhar. Então, as conquistas tinham muito valor para ele, embora a ambição nunca o tenha feito passar por cima dos outros, porque ele não era uma pessoa má. Mas era muito ingênuo, às vezes fazia coisas que não precisaria fazer. Sempre foi um homem de falar alto, autoritário, e ficou muito frágil quando doente. Mas o olhar era de muita raiva nesse período de um ano em casa, no repouso. Ele olhava com raiva para a enfermeira, para o médico, para as filhas, para mim, para os empregados, para os amigos que iam visitá-lo e o viam incapaz até de tomar banho. Ele mesmo disse que brigou com o mundo.

Sei da história de pessoas que passam por essa situação e têm uma reação oposta a essa. Tornam-se mais humanas e resolvem ser felizes e fazer os outros felizes. Infelizmente não foi o caso dele. E todos os amigos se tornaram inimigos.

Nessa época, ele estava na TV Globo, a emissora acompanhou tudo, sou testemunha de que a Globo sempre foi muito paciente, leal e compreensiva com as mudanças e comportamentos dele. Quando ficou bom, ele saiu da Globo intempestivamente, ele sempre foi assim, quando foi pra Manchete, pro Chile, sempre um rompimento. Provavelmente, o que mais o incomodou foi a tranquilidade com que eu o recebi, apesar da surpresa. Ele não entendia como é que eu conseguia administrar a situação com tranquilidade. Então, em vários depoimentos ou entrevistas após a nossa separação, ele criou uma história na cabeça dele: o motivo e a situação que nós vivemos depois de sermos tantos anos marido e mulher.

179

A Irene Ravache tem uma frase bonita: *A gente se desapaixona, mas o amor fica*. Digamos que ele se desapaixonou de mim e eu tentei reconquistar a sua paixão. Mas da *despaixão* ele foi para o desamor e eu mantive um amor-carinho, amor-atenção. Ele não iria entender nunca, pois achava exatamente o contrário. Que quem deixou de amar fui eu.

Confesso que não havia mais aquele entusiasmo no casamento e aquele prazer, porque ele não era mais o companheiro com bom humor, alegre, que me levava pra cima, que me incentivava como mulher. Digamos que a crise existencial

dos dois aconteceu ao mesmo tempo e explodiu junto. E, no caso dele, veio a doença também.

Nosso relacionamento ficou muito difícil. Pelo que entendi, ele começou a rever várias coisas, talvez não tivesse mais interesse em ter uma companheira ao lado, ou eu especificamente. Nosso rompimento foi mais uma vontade dele do que minha, isso eu digo até hoje, não fui eu quem quis a separação. Aceitei porque vi que ele estava infeliz comigo. A gente poderia continuar juntos de alguma forma, não seria mais um casamento, mas uma grande amizade, um grande companheirismo, afinal, foram 27 anos de casamento e tivemos uma filha juntos.

180

Sofri no sentido de que não esperava na minha vida uma ruptura afetiva depois de tantos anos e porque não entendi muitas coisas. A gente ainda conversava, mas, infelizmente, havia uma estranheza dele para comigo e minha para com ele. Tive, até a sua morte, um carinho muito grande por ele e continuei tendo também um grande respeito e preocupação. Ajudei até onde foi possível. Não podia dar mais e ele não queria. Parecia que nós não éramos as mesmas pessoas, aquelas pessoas que dividiram uma vida. Era muito estranho! É claro que existia mágoa, mas eu soube trabalhar essa mágoa, soube administrar isso.

Capítulo VIII

... E uma História Triste

Um dos momentos difíceis que vivemos, eu e Herval, foi quando descobri que meu filho mais velho tinha envolvimento com drogas. Ele me ajudou muito a conviver com esse problema. Edson morava com o pai, o Edson França, desde os 8 anos, quando acabou meu casamento, e o único dado que me preocupava é que havia se tornado um menino muito fechado, calado, sério, embora muito bom aluno. Ele sofreu muito com a separação, escolheu ficar com o pai e eu permiti. Digamos que essa é a culpa que tenho. Sei que não é nem culpa, porque permiti que fosse viver com o pai dividindo a família, os irmãos. A escolha era dele, mas a minha escolha não foi acertada, a partir do momento em que o pai também não era uma pessoa emocionalmente muito equilibrada.

Edson França era um ator difícil, uma pessoa com complexos, vaidoso, arrogante, com certo grau de agressividade e uma fraqueza pela bebida, inclusive reconhecida por ele. Isso, de alguma maneira, acabou com a sua carreira. Ele faleceu em 2004, mas tinha constituído outra família e foi muito feliz. Então, eu também permiti que

meu filho fosse morar com ele porque ele se casou com a Ana Maria e meu filho foi criado por ela, com os outros três filhos que eles tiveram. Havia um núcleo familiar ali, que me deixava numa certa tranqüilidade. Nunca conheci pessoalmente a Ana Maria, que foi *miss* Pernambuco, mas ela foi muito legal com meu filho.

A partir dessa desestabilidade emocional do Edson ou dessa hipersensibilidade que meu filho tem, acho que foi muito fácil de ele ser levado para a droga, quer dizer, cada um vai porque quer, mas para a fraqueza, a timidez, o medo, a droga oferecia a coragem, o brilho, porque ele era uma pessoa muito apagada, mas inteligentíssimo.

182

Ter os pais artistas foi um grande problema para ele. Edson era tão tímido que quando nós caminhávamos na rua ele ia dez passos atrás ou dez passos à frente. Se alguém parava para nos pedir um autógrafa, nos dar um alô, ele ficava revoltado, irritado, não verbalizava isso, era só uma atitude, porque sempre foi muito meigo e dócil.

Enquanto ele morava com o pai, vinha passar temporadas conosco. Acredito que essa ligação com as drogas, essa dependência só se agravou quando ele veio morar comigo no Chile, eu quis os meus três filhos juntos, uni todos. Ele estava com 14 anos, a Vanessa com quase 4, a Viviane

com 8 ou 9. Ele sempre se deu bem com as irmãs, é muito carinhoso.

Apesar de saber o que é se mudar pra outro país pra seguir o marido, abandonando uma carreira estável e de sucesso, eu também acreditava na possibilidade de ter um trabalho lá. Mas essas mudanças desestabilizam emocionalmente. Ou a família fica muito unida, que foi o que aconteceu conosco, ou se desestrutura. Edson não manifestou, ou nós não percebemos, que estava sofrendo ou tinha problemas. E no Chile há mais facilidade de drogas mais pesadas e mais graves. Lá você tem o que eles chamam de chá, aquele chá que tira você do sério e que eles tinham na praça, na frente do colégio. Os chilenos não consideram aquilo droga e, então, misturam com refrigerantes, com bebida. E Edson, não digo ingenuamente, porque não sei exatamente como aconteceu, foi levado a utilizar essa droga. No Chile, chegou a ser internado, ficou praticamente uma semana fechado num quarto em posição fetal.

É difícil falar sobre esse assunto, mas ao mesmo tempo é uma experiência que tem que ser transmitida por uma pessoa pública como eu. Tenho que falar sobre isso porque também faz parte da minha vida, de um momento difícil ligado à perda da minha mãe e de um momento existencial dentro do casamento, de insegurança

e descobertas novas. A dependência de droga resultou em um transtorno psíquico, doença diagnosticada logo que voltamos ao Brasil. Aí a nossa convivência ficou difícil e resolvi esquecer que tinha um filho, passei a negar o problema.

Meu filho sabe contar melhor a história dele do que eu. Ele talvez ainda tenha vergonha de dizer o que aconteceu, mas ficou cinco anos sumido, era um andarilho, ele mesmo se definiu assim. Comia quando alguém dava comida ou pegava numa árvore uma fruta. Essa história dele está ligada à minha porque resolvi fazer análise quando me dei conta de que não via meu filho há muito tempo e me bateu uma culpa muito grande de não saber onde ele estava. Ele ligava de algum lugar, pirado, em plena madrugada, eu desligava o telefone e rezava. Um dia, parei e pensei que não podia fazer isso, ignorar meu filho, e fui fazer 11 anos de terapia. Foi nesse período que consegui aceitá-lo e trazê-lo de volta. Comecei a procurá-lo e ele apareceu na casa da minha irmã pedindo ajuda. E aí me deu uma força, uma fé tão grande que eu podia ajudá-lo, que eu o trouxe de volta. Isso é sobrenatural. Ele quis ser internado e foram quase dez anos de entradas e saídas de clínicas de recuperação, já sabendo e reconhecendo que era um dependente de droga. Enfim, era uma pessoa que precisava de carinho e de cuidado.

Nunca tive qualquer envolvimento com drogas, apesar da facilidade que a gente encontra, não só pelos horários de trabalho, mas pelas pessoas e pela sensibilidade de artistas, é fácil se entregar quando se está passando por alguma dificuldade. As pessoas precisam de uma ajuda e com meu filho o Herval foi legal na época, não conseguiu ajudar, mas também não prejudicou, porque era difícil ter Edson em casa em confronto com o Herval. Ao mesmo tempo, eu gastava muito dinheiro com a recuperação do meu filho. É claro que teria sido melhor se ele tivesse me dado colo, se tivesse aconselhado meu filho, mas pelo menos eu consegui entender que havia um lado genético nisso.

185

Há mais de dez anos que o Edson não usa drogas, não bebe nada, nem carne come, virou um caretão, está saudável há alguns anos. Mas a doença instalada provoca problemas de depressão, então, ele toma remédios pra poder ter um sono mais tranquilo. Mora comigo e está muito produtivo, faz um curso de oratória, está gostando da idéia de falar para outras pessoas. Faz terapia, tem o tempo dele. É o mais carinhoso, mais ouvinte dos meus filhos, hoje está comigo e sabe se estou com problemas ou dificuldades. Orgulho-me disso, porque eu o reconquistei.



Celebridade

Capítulo IX

A Experiência do Palco

Depois de 25 anos fazendo apenas novela e achar que estava me repetindo, em 1987 resolvi trocar as câmeras por uma platéia e não quero mais largar. O teatro pra mim é o que era minha primeira peça quando adolescente, quando tive um encantamento muito grande com o palco, com as luzes, aquela coisa de não ver o público, de entrar numa *trip* quando você está fazendo um espetáculo e só perceber quando termina e ouve aqueles aplausos. Eu tentava, pedia pra ser colocada em uma peça, mas também tinha muito medo porque ainda achava o teatro um mistério, apesar daquela experiência adolescente. Quando assistia às pessoas em cima daquele palco, elas emanavam pra mim um poder tão grande, que achei que não ia ser uma atriz completa se não estivesse num palco de teatro.

187

Acabei estreando com a peça *Um Piano à Luz da Lua*, de Paulo César Coutinho, no Teatro Villa Lobos, no Rio, a convite do Cecil Thiré, diretor do espetáculo. No começo, fiquei assustada achando que deveria ter aulas de voz, exercícios de respiração. Acreditava que minha voz nunca chegaria à ultima fila e fiquei um pouco espan-

tada com a técnica de teatro, que é diferente, mas o Cecil me tranqüilizou e fez uma direção brilhante. O cenário ajudou, o clima, tudo era bonito, a época em que se passava a história trazia o público de tal forma para o espetáculo, para o que a gente estava contando, que foi mais fácil do que eu imaginava, fui me sentindo muito confortável. Os exercícios do teatro me estimularam muito como atriz, porque minha atuação com o personagem, o processo de criação da emoção do personagem, seja ele na TV, rádio ou teatro, vai ser o mesmo sempre, é muito parecido com o que faço ante às câmeras. Vou buscar sempre a humanidade e a emoção do personagem, a verdade que ele tenha para alcançar o público que está me assistindo.

188

Fiz um personagem parecido com o de *Anos Dourados*, uma mulher dos anos 50, casada, reprimida, submissa, dependente do marido e mãe de dois filhos, um deles homossexual. Era um personagem denso, chique, complexo, bem ao meu gosto, que me permitia dar alguma marca ao papel e debater alguns temas – falava dos problemas de costumes e políticos dos anos 50. Não era teatro comercial. O Othon Bastos fazia meu marido, tinha a Deborah Evelyn, o Edwin Luisi. As pessoas que gostam de teatro e de mim lembram até hoje desse trabalho.

Dois anos depois fiz *Na Sauna*, uma peça inglesa tirada de um filme com a Vanessa Redgrave. Bibi Ferreira me convidou para fazer o papel da Vanessa. Era uma peça cabeça, meio *dark*, meio difícil de digerir porque eram sete mulheres em diálogos numa sauna. Meu personagem era uma mulher reprimida, discreta, séria, que no final tirava a toalha e aparecia nua. Tinha a Maitê Proença, que já havia posado nua e não tinha problemas com isso; a Cláudia Gimenez, que tinha cicatrizes de câncer, mas era uma mulher muito ousada; a Ângela Leal, muito empreendedora; a Estelita Belli, que já faleceu; e a Sura Berditchevsky, que é uma mulher de teatro e tinha acabado de fazer uma plástica. E ali estava a Nívea Maria, que tinha feito heroínas na televisão. Com um detalhe: eu era casada com Herval Rossano, que achavam que era ciumento, mas não era e, na verdade, foi um dos maiores incentivadores. Eu tive muita segurança com isso.

189

Não sou do tipo que explora o erotismo e só aceitei o papel porque seria dirigida pela Bibi Ferreira. Ouvi dessa mulher que nasceu no palco que eu havia conseguido certos macetes que ela tinha visto outras atrizes demorar anos para conseguir, de entradas e saídas de palco. Eu estava com o corpo em ordem naquela época, nunca fui uma pessoa gorda, mas minha figura não trans-

pira sensualidade. Mas eu me sentia segura de tirar a toalha. Digamos que de dez espetáculos, em dois eu tenha tido essa segurança...

Depois disso, fiz *A Partilha*, do Miguel Falabella, com a Rosamaria Murtinho e a Cláudia Alencar. Eu era uma tijuicana que a Natália do Valle tinha feito na outra temporada, e viajei o Brasil inteiro com a peça. Era comédia, que é difícil de se fazer, mas adoro. O Falabella já me disse que da sua próxima novela eu não fujo, porque ele foi o único que descobriu que sou uma atriz que faz e gosta de fazer humor também, apesar de ser séria. Ganhei boas críticas, até da Bárbara Heliodora, que é uma profissional muito dura. Ela achou que eu havia me saído bem, dizia que eu tinha entrado no universo da peça. Inauguramos com o espetáculo o Teatro Miguel Falabella.

190

No teatro fiz também *As Lobas*, escolhi o texto depois de muitas leituras. Minha personagem era homossexual e sugeri à produção o nome da Ana Rosa – eu tinha que dar um beijo nela durante a encenação. Minha afinidade com a Ana Rosa era muito grande, ela tinha perdido a filha em um desastre, era uma pessoa espiritualizada, mas estava deprimida. Consegui convencê-la de fazer a peça, apesar do papel difícil, porque era uma forma de ajudá-la. Fazíamos o beijo só na hora de encenar, não ensaiávamos não. A peça

não foi um sucesso porque espantava as senhoras da platéia que não esperavam ver a Nívea Maria dando um beijo na boca de outra mulher, mas valeu a pena fazer.

Meu mais recente espetáculo foi *A Volta por Cima*, que fiz em 99, uma comédia mexicana que era um escracho, apesar de ter uma direção de boa qualidade do Herval Rossano. Eu fazia uma cabeleireira de Copacabana, a Marlene, que era traída pelo marido. Fiquei preocupada com a reação do público porque era uma personagem que eu nunca tinha feito. Gosto de comédia porque ali você tem menos compromisso com imagem, figuras, linhas, regras e ideologias.

191

Nos últimos 23 anos, em todas as entrevistas que dou, sempre digo que não entendo porque nunca fiz cinema, é a minha grande reclamação pública. Aliás, até entendo, não dá para colocar a culpa só do outro lado, coloco em mim também porque não participo, não frequento muito os festivais, esses movimentos, esses eventos do nosso cinema. Fui convidada no começo da minha carreira, bem mais jovem, pra fazer por-nochanchada. Mas quando isso aconteceu, eu já estava contratada das emissoras, primeiro na Tupi e depois na Globo, e elas pediram para eu não aceitar. Porque meus personagens na televisão vendiam uma imagem mais para romântica,



H.R. PRODUÇÕES APRESENTA

NÍVEA MARIA EM

a volta por cima

COM
HELENA WERNECK



NÍVEA MARIA

Estou fascinada com a oportunidade de interpretar ao mesmo tempo, dois personagens tão diferentes e em veículos de comunicação tão diversos: na Rede Globo sou Emília (Nana) na novela SUAVE VENENO, e no teatro Marlene de "A VOLTA POR CIMA". Tal fascínio aumenta particularmente por ser dirigida por Herval, pela primeira vez, no teatro. Fizemos grandes trabalhos juntos em televisão como A MORENINHA, O FEIJÃO E O SONHO, DONA XEPA, OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO, TERRAS DO SEM FIM e MARIA MARIA, e sempre o considereei um diretor capaz e criativo. Agora, que estamos juntos neste empreendimento teatral, tenho renovada minha confiança em sua capacidade. A sua preocupação de realizar uma produção bem cuidada orgulha qualquer profissional. Juntos, desejamos abrir novos e produtivos caminhos também na área teatral. Depois de 35 anos participando ativamente da telenovela brasileira, e com poucas incursões no nosso teatro (UM PIANO A LUZ DA LUA, NA SAUNA, AS LOBAS e A PARTILHA), sinto uma grande satisfação em dedicar-me agora a produção de "A VOLTA POR CIMA", um espetáculo feito para com a preocupação de divertir, emocionar e integrar com dignidade o teatro brasileiro.

A Volta por Cima, teatro

não era interessante pra ninguém ter a minha imagem vinculada a esses projetos.

Mas adoraria fazer cinema. Fiz na TV Globo o seriado *A Justiceira*, em película, com o Daniel Filho. Foram três episódios com o processo de cinema, com a direção de cinema. Então, tive a oportunidade de fazer um trabalho bem diferente do que fazia em televisão, quer dizer, notava-se uma diferença. Acho que a gente é a mesma coisa normalmente como profissional, digamos assim, a gente quer fazer nosso trabalho não importa o veículo, mas tem um permeio nisso aí, na maneira como você se expõe e faz sua criação no cinema, no teatro e na televisão.

193

A televisão é mágica, eu me surpreendo me assistindo. Hoje digo que domino a televisão, que aprendi. Não falo de técnicas, de teorias da televisão, das maneiras de se dirigir uma novela, que não entendo ou resisto um pouco porque acho que algumas dessas novidades não acrescentam muito ao produto final. Mas a gente não pode negar que vieram coisas que facilitaram nosso trabalho, embora tenha triplicado aquela espera e a paciência que a gente tem que ter. Hoje, por exemplo, tudo aquilo que a televisão quer colocar no ar passa primeiro pela qualidade técnica de iluminação, de cor, de textura. A partir daí é que vem a figura do ator com sua interpreta-

ção dividida, ou picada, ou destrinchada. O que quero dizer é que a gente faz muitos cortes. Então, uma cena que tenha quatro ou cinco falas entre dois atores é feita para a televisão quase no processo do cinema. Você só consegue lidar com isso com muita experiência. Só um ator experiente consegue fazer um *link* com essas paradas às vezes de dois, três minutos em que o telespectador vê uma seqüência. É muito difícil, é quando as interpretações destoam. Não há uma uniformidade, às vezes, na interpretação de todos os atores de uma novela, na medida em que cada um usa os seus recursos.

194

Por outro lado, fazer teatro é maravilhoso. E, para mim, o melhor processo é o de mesa, o de ensaio, o da descoberta de personagens, o da troca de energias. Você ali realmente vira uma família até no sentido de sentimentos, de tudo! A conversa de um camarim de teatro parece a da tua casa, aquilo de repente vira o teu berço, se você ali não estiver bem, não vai conseguir energia para pisar no palco e com certeza não vai fazer um espetáculo que considere satisfatório nem pra você nem para o público, que merece o maior respeito. As pessoas estão ali pra te ver. Se vieram buscar alguma coisa, você tem que dar.

Enquanto na televisão a técnica trunca a interpretação, no teatro você faz seu trabalho não só

do começo ao fim, mas podendo experimentar aquilo que você quer fazer a cada dia, dependendo da reação do público. Então, o personagem fica muito mais rico, vira um painel, um caleidoscópio sem que você saia da sua essência. No teatro, se você tem uma cena raivosa, um dia você pode fazer a raivosa deprimida; no outro, a raivosa que é um leão, com uma energia tremenda; em outro dia você pode fazer a raivosa malcriada. Você tem tempo de experimentar, tem oportunidade para isso. Na televisão é tudo muito arriscado, não se pode sair da proposta que o autor escreveu.

Não digo que o teatro é uma arte mais nobre. A minha profissão é que é nobre por si, não importa onde eu vá exercê-la. Se você tiver um bom texto nas mãos, entender e souber como interpretar, pode subir em cima de um caixote numa praça pública e fazer. O fato é que ao subir ao palco, vindo da televisão, eu pude ter um aval. Porque quando o público de teatro me assistiu na primeira peça, *O Piano à Luz da Lua*, me viu no palco e me aceitou, tive certeza de que sabia fazer o que estava mostrando, eu tinha aprendido meu ofício, estava na profissão certa.

Cronologia

Televisão

Novelas

1964

- *A Moça Que Veio de Longe* – de Ivani Ribeiro

Direção: Dionísio Azevedo

TV Excelsior

- *A Outra Face de Anita* – de Ivani Ribeiro

Direção: Dionísio Azevedo

TV Excelsior

- *Melodia Fatal* – de Nara Navarro

Direção: Walter Avancini

TV Excelsior

197

1965

- *A Indomável* – de Ivani Ribeiro

Direção: Walter Avancini

TV Excelsior

- *O Preço de uma Vida* – de Thalma de Oliveira

Direção: Henrique Martins

TV Tupi

1969

- *Sangue do Meu Sangue* – de Vicente Sesso

Direção: Sérgio Britto

TV Excelsior

1972

- *O Primeiro Amor* – de Walter Negrão

Direção: Régis Cardoso

TV Globo

- *Uma Rosa com Amor* – de Vicente Sesso

Direção: Walter Campos

TV Globo

1973

- *O Semideus* – de Janete Clair

Direção: Walter Avancini

TV Globo

1974

- 198
- *Corrida do Ouro* – de Lauro César Muniz e Gilberto Braga

Direção: Reynaldo Boury

TV Globo

1975

- *Gabriela* – adaptação do romance *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado, por Walter George Durst

Direção: Walter Avancini e Gonzaga Blota

TV Globo

- *A Moreninha* – adaptação do romance de Joaquim Manuel de Macedo, por Marcos Rey

Direção: Herval Rossano

TV Globo

402.6034

◀ESTÉREO▶

(P) 1975

a moreninha



LANDA
SONHO
A MORENINHA
SEM TI, A VIDA É NADA
ROMANZA
RUMPI

SOM LIVRE

A Moreninha, capa do disco da trilha sonora

1976

- *O Feijão e o Sonho* – adaptação do romance de Orígenes Lessa, por Benedito Ruy Barbosa
Direção: Herval Rossano e Walter Campos
TV Globo



O Feijão e o Sonho, capa do disco da trilha sonora

- *Duas Vidas* – de Janete Clair

Direção: Daniel Filho

TV Globo

1977

- *Dona Xepa* – adaptação do texto teatral de Pedro Bloch, por Gilberto Braga

Direção: Herval Rossano

TV Globo

1978

- *Maria, Maria* – adaptação do romance Maria Dusá, de Lindolfo Rocha, por Manoel Carlos.

Direção: Herval Rossano

TV Globo

201

1980

- *Olhai os Lírios do Campo* – adaptação do romance de Érico Veríssimo, por Geraldo Vietri e Wilson Rocha

Direção: Herval Rossano

TV Globo

- *Coração Alado* – de Janete Clair

Direção: Roberto Talma e Paulo Ubiratan

TV Globo

1981

- *Terras do Sem Fim* – de Walter George Durst, inspirado nos romances *Terras do Sem Fim*, *Cacau* e *São Jorge dos Ilhéus*, de Jorge Amado



Coração Alado

Direção: Herval Rossano
TV Globo

1983

• *El Juego de la Vida* – de Maria Helena Gertner
Direção: Herval Rossano
TV Nacional do Chile

1984

- *Livre para Voar* – de Walter Negrão, colaboração de Alcides Nogueira

Direção: Wolf Maya e Fred Confalonieri

TV Globo

1986

- *Mania de Querer* – de Sylvan Paezzo

Direção: Herval Rossano

TV Manchete

1987

- *Brega & Chique* – de Cassiano Gabus Mendes

Direção: Jorge Fernando, Marcelo de Barreto e Carlos Magalhães

TV Globo

1988

- *Vida Nova* – de Benedito Ruy Barbosa, colaboração de Edmara Barbosa

Direção: Reynaldo Boury e Luiz Fernando Carvalho

TV Globo



Gente Fina, com Hugo Carvana

1990

- *Gente Fina* – de Luiz Carlos Fusco e Marilu Sal-danha, com argumento de José Louzeiro
Direção: Gonzaga Blota, Luiz Fernando Carvalho e Lucas Bueno
TV Globo

- *Meu Bem, Meu Mal* – de Cassiano Gabus Men-des, colaboração de Maria Adelaide Amaral, Dejair Cardoso e Luiz Carlos Fusco
Direção: Paulo Ubiratan, Reynaldo Boury e Ri-cardo Waddington
TV Globo

1992

- *Pedra sobre Pedra* – de Aguinaldo Silva, Ana Maria Moretzsohn e Ricardo Linhares

Direção: Paulo Ubiratan, Gonzaga Blota e Luiz Fernando Carvalho

TV Globo /co-produção RTP – Rádio e Televisão de Portugal

1993

- *Sonho Meu* – de Lauro César Muniz e Marcílio Moraes, colaboração de Margareth Boury e Maria Adelaide Amaral.

Direção: Reynaldo Boury, Roberto Naar, Cláudio Cavalcanti e Marcelo Travesso

TV Globo

205

1994

- *Tropicaliente* – de Walter Negrão, colaboração de Elizabeth Jhin, Ângela Carneiro e Vinícius Vianna

Direção: Gonzaga Blota, Rogério Gomes e Marcelo Travesso

TV Globo

1995

- *Explode Coração* – de Glória Perez

Direção: Dennis Carvalho, Ary Coslov e Carlos Araújo

TV Globo

1999

- *Suave Veneno* – de Aguinaldo Silva, escrita com Ângela Carneiro, Maria Helena Nascimento, Filipe Miguez e Fernando Rebello, colaboração de Marília Garcia

Direção: Daniel Filho, Ricardo Waddington, Marcos Schechtman, Alexandre Avancini e Moacyr Góes
TV Globo

- *Vila Madalena* – de Walter Negrão, colaboração de Júlio Fischer, Paulo Cursino, Thelma Guedes, Elizabeth Jhin, Ângela Carneiro e Vinícius Vianna

Direção: Jorge Fernando, Roberto Naar e Marcus Alvisi
TV Globo

206

2001

- *O Clone* – de Glória Perez

Direção: Jayme Monjardim, Marcos Schechtman e Teresa Lampreia
TV Globo

2003

- *Celebridade* – de Gilberto Braga, escrita com Leonor Bassères, Sérgio Marques, Márcia Prates, Maria Helena Nascimento e Denise Bandeira

Direção: Dennis Carvalho, Marcos Schechtman, Amora Mautner e Vinícius Coimbra
TV Globo



Celebridade, com Hugo Carvana

2005

• *América* – de Glória Perez

Direção: Jayme Monjardim, Marcos Schechtman,
Marcelo Travesso, Federico Bonani, Carlo Milani
e Luciano Sabino

TV Globo

2006

• *O Profeta* – de Duca Rachid e Thelma Guedes,
inspirada no original de Ivani Ribeiro. Colabora-
ção de Júlio Fischer, André Ryoki, Thereza Falcão
e Alessandro Marson

Supervisão de Texto: Walcyr Carrasco.



América, com Edson Celulari

Núcleo: Roberto Talma
Direção: Mário Márcio Bandarra, Vinícius Coimbra e Alexandre Boury
TV Globo

2007

• *Desejo Proibido* – de Walter Negrão, escrita com Jackie Vellego e Renato Modesto. Colaboração de Alessandro Marson e Júlio Fischer
Direção: Marcos Paulo, Luiz Henrique Rios, Maria de Médicis, Luiz Pilar e Tande Bressane



Desejo Proibido, a mineira Magnólia

SÉRIE ESPECIAL

FOTONOVELA
setimo céu

JANETE CLAIR

ESCREVE

O DIREITO DE SER MÃE



ELENCO:

Dr. Nelson Drumond	FRANCISCO CUOCO
Mônica	NIVEA MARIA
Dr. Xavier	ÊNIO SANTOS
Dr. Válder	LUIS DALE
Lúcia	LOUISE MACEDO
Elvira	PATRICIA SÁ FERRER
Ângela	ÂNGELA SANTOS
Enfermeira	NAIR PRESTES
Raul	JOSUE FILHO

FICHA TÉCNICA:

Argumento e Roteiro	JANETE CLAIR
Assistente de Direção e	
Produção	KAETHE BREMER e PAULO ALÍPIO
Direção e Fotografia	ITALO SANI
Montagem	ADEMIR BARBOSA e LUIS MARTINS

Fotonovela, com Francisco Cuoco



FOTONOVELA
SETIMO CEU

JANETE CLAIR

ESCREVE

A CURA DO AMOR

SÉRIE ESPECIAL



ELENCO

Dr. Nelson Drummond	FRANCISCO CUOCO
Mônica	NIVEA MARIA
Dr. Xavier	ENJO BASTOS
Dr. Valter	LUIS DALE
Lúcia	LOUISE MACEDO

FICHA TÉCNICA

Argumento e roteiro	JANETE CLAIR
Montagem	ADEMIR BARBOSA E LUIZ MARTINS
Fotografia	RAIMUNDO COSTA
Direção e produção	PAULO ALIPIO
Coordenação de elenco	ISAAC SCHNEIDER
Supervisão geral	LELIA OLIVEIRA

Agradecimentos: HOSPITAL INPS DA LAGOA (OB); HIPPIE CENTER (OB)

Fotonovela, com Francisco Cuoco

FUGA PARA O PASSADO

FOTONOVELA EXCLUSIVA
COM
FRANCISCO CUOCO
E
NIVEA MARIA



Armando



Nortinha

Letra _____
Verso _____
Ação _____
Dramático _____
Diário _____
Ficha Técnica:
Argumento e roteiro _____
Assistente de direção e produção _____
Direção e fotografia _____
Agradecimentos:
Santa Number One e Sra. Leila Laport de Oliveira.

Agnes Fontoura
Kátia Bremer
Isabel Cristina
Joáquin Valente
Roberval Rocha
Toninho Alves
Kátia Bremer
Ivo Savi

Elas surgam e desapareçam da mesma maneira misteriosa, com suas roupas antigas e o ar enigmático das damas de outras eras. Quem seriam, afinal? Por que razão se escondiam daquela forma? Armando precisava saber, e sua vida e seu país descobrirão tudo sobre elas.



Fotonovela, com Francisco Cuoco e Sérgio Cardoso

PASSADO O ENTUSIASMO, EMÍ-
LIO PROPÕE OUTRO BRINDE .



Agora vamos saudar a mu-
lher do doutor! Ela também
deve se orgulhar muito dele !

Fotonovela

MELHORES

Momentos

A TELENOVELA BRASILEIRA

6

Edições
semanais
ilustradas

Dancin' Days
o desafio
vencido

Nívea Maria e
Cláudio Cavalcanti
por trás das câmeras



Fascículo da Coleção Melhores Momentos – A Telenovela Brasileira

Minisséries

1984

- *Padre Cícero* – de Aguinaldo Silva e Doc Comparato

Direção: Paulo Afonso Grisolli e José Carlos Pieri
TV Globo

1986

- *Anos Dourados* – de Gilberto Braga

Direção: Roberto Talma
TV Globo

216

1989

- *República* – roteiro de Walter Avancini e Wilson Aguiar Filho, colaboração de Joel Rufino dos Santos

Direção: Walter Avancini
TV Globo

2003

- *A Casa das Sete Mulheres* – adaptação do romance de Letícia Wierzchowski, por Maria Adelaide Amaral e Walter Negrão

Direção: Jayme Monjardim, Marcos Schechtman e Teresa Lampreia
TV Globo

Séries

1982

• *Caso Verdade – Amor em Preto e Branco* – de Eloy Araújo

Direção: Walter Campos

TV Globo

1983

• *Caso Verdade – O Melhor Amigo* – de Geraldo Casé

Direção: Cláudio Cavalcanti

TV Globo

• *Caso Verdade – 62 Horas* – de Felipe Wagner

217

Direção: Henrique Martins

TV Globo

1984

• *Caso Verdade – Uma Dívida de Amor* – de Jael Coaracy

Direção: Reynaldo Boury

TV Globo

1994

• *Você Decide – Corações Partidos* – de Anamaria Nunes

Direção: Mauro Farias

TV Globo

1995

- *Malhação* – de Ana Maria Moretzsohn, Charles Peixoto, Ricardo Linhares, Márcia Prates, Andréa Maltarolli, Emanuel Jacobina, Patrícia Moretzsohn e Vinícius Vianna

Direção: Roberto Talma, Flávio Colatrello, Leandro Neri, Gonzaga Blota e José Luiz Villamarim
TV Globo

1996

- *A Vida como Ela É... – Futura Sogra* – crônicas de Nelson Rodrigues adaptadas por Euclides Marinho, colaboração de Denise Bandeira e Carlos Gregório

Direção: Daniel Filho
TV Globo

218

- *Você Decide – O Filho da Mãe* – de Fausto Galvão e Raul Paulo da Rocha

Direção: Carlos Magalhães
TV Globo

- *Você Decide – Sangue no Araguaia* – de Anamaria Nunes e Marcos Menezes

Direção: Herval Rossano
TV Globo

- *Você Decide – Começar de Novo* – de Fausto Galvão

Direção: André Schultz
TV Globo

1997

- *A Vida como Ela É... – Enciumada* – crônicas de Nelson Rodrigues adaptadas por Euclides Marinho, colaboração de Denise Bandeira e Carlos Gregório

Direção: Daniel Filho

TV Globo

- *A Justiceira* – de Daniel Filho, Antonio Calmon, Aguinaldo Silva e Doc Comparato

Direção: Daniel Filho, Dennis Carvalho, Vicente Amorim e José Alvarenga Jr.

TV Globo

1998

- *Você Decide – O Escândalo* – de Tiago Santiago

Direção: Herval Rossano

TV Globo

- *Você Decide – Desencontro* – de Tiago Santiago

Direção: Herval Rossano

TV Globo

- *Mulher – Ninho Vazio* – de Daniel Filho, Antônio Calmon, Elizabeth Jhin e Euclides Marinho

Direção: Daniel Filho, José Alvarenga Jr., Mário Márcio Bandarra, José Carlos Pieri e Cininha de Paula

TV Globo

Especiais

1972

- *Caso Especial – Sétimo Céu* – de Frank Borzage
Adaptação e direção: Domingos de Oliveira
TV Globo

1973

- *Caso Especial – Noites Brancas* – de Oduvaldo Vianna Filho
Direção: Ziembinski
TV Globo

- 220
- *Caso Especial – O Silêncio e o Grito* – de Monah Delacy. Adaptação de Domingos de Oliveira
Direção: Alberto Salvá
TV Globo

1974

- *Caso Especial – O Professor Vai Embora* – de Bráulio Pedroso
Direção: Ziembinski
TV Globo

1976

- *Caso Especial – Na Roda Viva da Vida* – de Herval Rossano, com diálogos de Sylvan Paezzo
Direção: Herval Rossano
TV Globo

Teleteatro

1979

- *Aplauso – Dona Felinta, a Rainha do Agreste*

– de Ferreira Gullar

Direção: Paulo José

TV Globo

Teatro

1987

- *Um Piano à Luz da Lua* – de Paulo César Coutinho

Direção: Cecil Thiré

221

1989

- *Na Sauna* – de Nell Dunn, adaptação de Flávio Marinho

Direção: Bibi Ferreira

1996

- *As Lobas* – de Griselda Gambaro, tradução e adaptação de Marilu Saldanha

Direção: Antonio Pedro

1997

- *A Partilha* – de Miguel Falabella

Direção: Miguel Falabella

1999

• *A Volta por Cima* – de Edson O. Werneck, inspirada em *Rosa de dos Aromas*, de Emilio Carballido

Direção: Herval Rossano

Prêmios

2003

APCA – Associação Paulista dos Críticos de Arte
– melhor atriz por *A Casa das Sete Mulheres*

Recado

Tu serás eternamente responsável por aqueles a quem cativas. Eu uso a frase de Antoine de Saint-Exupéry porque a profissão de atriz tem um lado de conquistar, cativar as pessoas. A partir do momento que venho fazendo isso durante tantos anos, tenho uma responsabilidade muito grande com quem acompanha a minha vida profissional e pessoal.

Índice

Apresentação – José Serra	5
Coleção Aplauso – Hubert Alquéres	7
Introdução – Mauro Alencar/ Eliana Pace	11
Nívea Maria: Talento em Todas as Épocas – Mauro Alencar	13
O Fã Número Zero – Leão Lobo	19
No Avô, o Primeiro Diretor	23
As Válvulas de Escape	57
Pleno Domínio da Televisão	71
A Vida se Mistura com a Arte	135
A Parceria com Diretores	147
Crescendo com as Crises	161
Uma História Pessoal	171
... E uma História Triste	181
A Experiência do Palco	187
Cronologia	197
Recado	223

Crédito das Fotografias

Acervo Mauro Alencar 53, 199, 200, 215

TV Globo 75, 77, 84, 87, 90, 94, 95, 96, 98, 101, 102, 104, 107, 109, 113, 115, 118, 138, 141, 144, 150, 152, 154, 159, 160, 164, 165, 166, 169, 170, 176, 192, 199, 200, 202, 204, 207, 208

TV Globo / João Miguel Jr. 210

TV Globo / Leo Lemos 128

TV Globo / Rafael França 124

TV Globo / Willian Andrade 122

TV Globo / Zé Paulo Cardeal 126

Agradecimento:

**CEDOC (Centro de Documentação)
Central Globo de Comunicação**

A presente obra conta com diversas fotos, grande parte de autoria identificada e, desta forma, devidamente creditada. Contudo, a despeito dos enormes esforços de pesquisa empreendidos, uma parte das fotografias ora disponibilizadas não é de autoria conhecida de seus organizadores, fazendo parte do acervo pessoal do biografado. Qualquer informação neste sentido será bem-vinda, por meio de contato com a editora desta obra (livros@imprensaoficial.com.br/ Grande São Paulo SAC 11 5013 5108 | 5109 / Demais localidades 0800 0123 401), para que a autoria das fotografias porventura identificadas seja devidamente creditada.

Coleção Aplauso

Série Cinema Brasil

Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma

Alain Fresnot

Agostinho Martins Pereira – Um Idealista

Máximo Barro

O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias

Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao Hamburger

Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro

Luiz Carlos Merten

Antonio Carlos da Fontoura – Espelho da Alma

Rodrigo Murat

Ary Fernandes – Sua Fascinante História

Antônio Leão da Silva Neto

Batismo de Sangue

Roteiro de Dani Patarra e Helvécio Ratton

Bens Confiscados

Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

Braz Chediak – Fragmentos de uma vida

Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega

Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes

Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

Carlos Coimbra – Um Homem Raro

Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver
Marcelo Lyra

A Cartomante

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas

Romance original e roteiro de Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Naves

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

O Céu de Suely

Roteiro de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

Chega de Saudade

Roteiro de Luiz Bolognesi

Cidade dos Homens

Roteiro de Elena Soárez

Como Fazer um Filme de Amor

Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade

Org. Luiz Carlos Merten

Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de Invenção: Os Anos do São Paulo Shimbun

Org. Alessandro Gamo

Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão – Analisando Cinema: Críticas de LG

Org. Aurora Miranda Leão

Críticas de Rubem Biáfora – A Coragem de Ser

Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

De Passagem

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Desmundo

Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

Djalma Limongi Batista – Livre Pensador

Marcel Nadale

Dogma Feijoadá: O Cinema Negro Brasileiro

Jeferson De

Dois Córregos

Roteiro de Carlos Reichenbach

A Dona da História

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Os 12 Trabalhos

Roteiro de Cláudio Yosida e Ricardo Elias

Estômago

Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

Fernando Meirelles – Biografia Prematura

Maria do Rosário Caetano

Fim da Linha

Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboards de Fábio Moon e Gabriel Bá

Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil

Luiz Zanin Oricchio

Geraldo Moraes – O Cineasta do Interior

Klecius Henrique

Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo

Luiz Zanin Oricchio

Helvécio Rattón – O Cinema Além das Montanhas

Pablo Villaça

O Homem que Virou Suco

Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

Ivan Cardoso – O Mestre do Terrir

Remier

João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias

Maria do Rosário Caetano

Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera

Carlos Alberto Mattos

José Carlos Burle – Drama na Chanchada

Máximo Barro

Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção

Renata Fortes e João Batista de Andrade

Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema

Alfredo Sternheim

Maurice Capovilla – A Imagem Crítica

Carlos Alberto Mattos

Mauro Alice – Um Operário do Filme

Sheila Schvarzman

Miguel Borges – Um Lobisomem Sai da Sombra

Antônio Leão da Silva Neto

Não por Acaso

Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski e

Eugênio Puppó

Narradores de Javé

Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Onde Andará Dulce Veiga

Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

Orlando Senna – O Homem da Montanha

Hermes Leal

Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela

Rogério Menezes

Quanto Vale ou É por Quilo

Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar

Rodrigo Capella

Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente

Neusa Barbosa

O Signo da Cidade

Roteiro de Bruna Lombardi

Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto

Rosane Pavam

Vladimir Carvalho – Pedras na Lua e Pelejas no Planalto

Carlos Alberto Mattos

Viva-Voz

Roteiro de Márcio Alemão

Zuzu Angel

Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

Série Crônicas

Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças

Maria Lúcia Dahl

Série Dança

Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal

Sérgio Rodrigo Reis

Série Cinema

Bastidores – Um Outro Lado do Cinema

Elaine Guerini

Série Ciência & Tecnologia

Cinema Digital – Um Novo Começo?

Luiz Gonzaga Assis de Luca

Série Teatro Brasil

Alcides Nogueira – Alma de Cetim

Tuna Dwek

Antenor Pimenta – Circo e Poesia

Danielle Pimenta

Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral

Alberto Guzik

Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício

Org. Carmelinda Guimarães

Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão

Org. José Simões de Almeida Júnior

João Bethencourt – O Locatário da Comédia

Rodrigo Murat

Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher

Eliana Pace

Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílab

Adélia Nicolete

Maurice Vaneau – Artista Múltiplo

Leila Corrêa

Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem

Rita Ribeiro Guimarães

Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC

Nydia Licia

O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso – Pólvora e Poesia

Alcides Nogueira

O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um teatro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro

Ivam Cabral

O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma

Noemi Marinho

Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar

Neyde Veneziano

O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista – O Fingidor – A Terra Prometida

Samir Yazbek

Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas em Cena

Ariane Porto

Série Perfil

Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo

Tania Carvalho

Arllete Montenegro – Fé, Amor e Emoção

Alfredo Sternheim

Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros

Rogério Menezes

Bete Mendes – O Cão e a Rosa

Rogério Menezes

Betty Faria – Rebelde por Natureza

Tania Carvalho

Carla Camurati – Luz Natural

Carlos Alberto Mattos

Celso Nunes – Sem Amarras

Eliana Rocha

Cleyde Yaconis – Dama Discreta

Vilmar Ledesma

David Cardoso – Persistência e Paixão

Alfredo Sternheim

Denise Del Vecchio – Memórias da Lua

Tuna Dwek

Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida

Maria Leticia

Etty Fraser – Virada Pra Lua

Vilmar Ledesma

Geórgia Gomide – Uma Atriz Brasileira

Eliana Pace

Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar

Sérgio Roveri

Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema

Maria Angela de Jesus

Ilka Soares – A Bela da Tela

Wagner de Assis

Irene Ravache – Caçadora de Emoções

Tania Carvalho

Irene Stefania – Arte e Psicoterapia

Germano Pereira

Isabel Ribeiro – Iluminada

Luis Sergio Lima e Silva

Joana Fomm – Momento de Decisão

Vilmar Ledesma

John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida

Neusa Barbosa

José Dumont – Do Cordel às Telas

Klecius Henrique

Leonardo Villar – Garra e Paixão

Nydia Licia

Lília Cabral – Descobrendo Lília Cabral

Analu Ribeiro

Lolita Rodrigues – De Carne e Osso

Eliana Castro

Louise Cardoso – A Mulher do Barbosa

Vilmar Ledesma

Marcos Caruso – Um Obstinado

Eliana Rocha

Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária

Tuna Dwek

Marisa Prado – A Estrela, o Mistério

Luiz Carlos Lisboa

Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão

Vilmar Ledesma

Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família

Elaine Guerrini

Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras

Sara Lopes

Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador

Teté Ribeiro

Paulo José – Memórias Substantivas

Tania Carvalho

Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado

Tania Carvalho

Regina Braga – Talento é um Aprendizado

Marta Góes

Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto

Wagner de Assis

Renata Fronzi – Chorar de Rir

Wagner de Assis

Renato Borghi – Borghi em Revista

Élcio Nogueira Seixas

Renato Consorte – Contestador por Índole

Eliana Pace

Rolando Boldrin – Palco Brasil

Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho – Simples Magia

Tania Carvalho

Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro

Nydia Licia

Ruth de Souza – Estrela Negra

Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema

Máximo Barro

Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes

Nilu Lebert

Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte

Vilmar Ledesma

Sônia Guedes – Chá das Cinco

Adélia Nicolete

Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro

Sonia Maria Dorce Armonia

Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodrigueana?

Maria Thereza Vargas

Suely Franco – A Alegria de Representar

Alfredo Sternheim

Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra

Sérgio Roveri

Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza

Tania Carvalho

Vera Holtz – O Gosto da Vera

Analu Ribeiro

Vera Nunes – Raro Talento

Eliana Pace

Walderez de Barros – Voz e Silêncios

Rogério Menezes

Zezé Motta – Muito Prazer

Rodrigo Murat

Especial

Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso

Wagner de Assis

Beatriz Segall – Além das Aparências

Nilu Lebert

Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos

Tania Carvalho

Cinema da Boca – Dicionário de Diretores

Alfredo Sternheim

Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira

Antonio Gilberto

Eva Todor – O Teatro de Minha Vida

Maria Angela de Jesus

Eva Wilma – Arte e Vida

Edla van Steen

Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do

Maior Sucesso da Televisão Brasileira

Álvaro Moya

Lembranças de Hollywood

Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida

Warde Marx

Ney Latorraca – Uma Celebração

Tania Carvalho

Raul Cortez – Sem Medo de se Expor

Nydia Licia

Rede Manchete – Aconteceu, Virou História

Elmo Francfort

Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte

Nydia Licia

TV Tupi – Uma Linda História de Amor

Vida Alves

Victor Berbara – O Homem das Mil Faces

Tania Carvalho

Walmor Chagas – Ensaio Aberto para Um Homem Indignado

Djalma Limongi Batista

Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90 g/m²

Papel capa: Triplex 250 g/m²

Número de páginas: 244

Editoração, CTP, impressão e acabamento:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso Série Perfil

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica	Marcelo Pestana
Projeto Gráfico	Carlos Cirne
Editor Assistente	Felipe Goulart
Assistente	Edson Silvério Lemos
Editoração	Aline Navarro dos Santos
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Alencar, Mauro

Nívea Maria : uma atriz real / Mauro Alencar e Eliana Pace. – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

244p. : il. – (Coleção aplauso. Série perfil / Coordenador geral Rubens Ewald Filho)

ISBN 978-85-7060-642-6

1. Atores e atrizes cinematográficos – Brasil – Biografia
2. Atores e Atrizes de teatro – Brasil – Biografia 3. Atores e atrizes de televisão – Brasil – Biografia 4. Maria, Nívea, 1947
I. Pace, Eliana . II. Ewald Filho, Rubens. III. Título. IV. Série.

CDD 791.092

Índices para catálogo sistemático:

1. Atores brasileiros : Biografia 791.092

Proibida reprodução total ou parcial sem autorização
prévia do autor ou dos editores

Lei nº 9.610 de 19/02/1998

Foi feito o depósito legal

Lei nº 10.994, de 14/12/2004

Impresso no Brasil / 2008

Todos os direitos reservados.

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Rua da Mooca, 1921 Mooca

03103-902 São Paulo SP

www.imprensaoficial.com.br/livraria

livros@imprensaoficial.com.br

Grande São Paulo SAC 11 5013 5108 | 5109

Demais localidades 0800 0123 401

Coleção *Aplauso* | em todas as livrarias e no site
www.imprensaoficial.com.br/livraria

editoração, ctp, impressão e acabamento

imprensaoficial

Rua da Mooca, 1921 São Paulo SP
Fones: 2799-9800 - 0800 0123401
www.imprensaoficial.com.br

Exemplo de talento e profissionalismo, **Nívea Maria** é, com justiça, uma das maiores estrelas de nossa televisão.

Paulistana, ainda muito jovem foi trabalhar na *TV Paulista*, precursora da *TV Globo*; depois foi para a *TV Excelsior* e, finalmente, encontrou seu espaço na *TV Globo*, quando fez parceria com o marido Herval Rossano, numa série de sucessos inesquecíveis no horário das seis:

A Moreninha; O Feijão e o Sonho; Maria, Maria; Dona Xepa.

Essa é apenas uma parte de uma longa carreira de muitos êxitos, em quase 50 trabalhos.

Dentre eles, *Desejo Proibido, O Profeta, América, Celebridade*, sua premiada participação em *A Casa das Sete Mulheres, O Clone, Explode Coração, Pedra sobre Pedra e Brega & Chique.*

Com sinceridade e emoção, neste livro escrito em parceria por **Eliana Pace** e pelo doutor em telenovela **Mauro Alencar**, Nívea relembra seus bons e maus momentos, suas ousadias (como quando apareceu nua no teatro na peça *Na Sauna*, quebrando sua imagem de ingênua), discute suas técnicas de interpretação e como cria seus personagens.

E recebe uma homenagem, numa apresentação feita pelo comentarista, e seu fã, Leão Lobo.

Mais um trabalho de resgate e registro de nossa história cultural feito pela **Coleção Aplauso**, da **Imprensa Oficial do Estado**.



ISBN 978-85-7060-642-6



9 788570 606426